



ESTUDO DA PREVALÊNCIA DE VIOLÊNCIA **CONTRA ATLETAS**



FICHA TÉCNICA

Título
ESTUDO DA PREVALÊNCIA
DE VIOLÊNCIA CONTRA ATLETAS

Autores
Miguel Nery e Thiago Santos

Coordenação
Departamento de Estudos e Projetos

Revisão
Cristina Almeida
Maria Machado
João Paulo Almeida

Design e Paginação
Filipa TAR Baptista

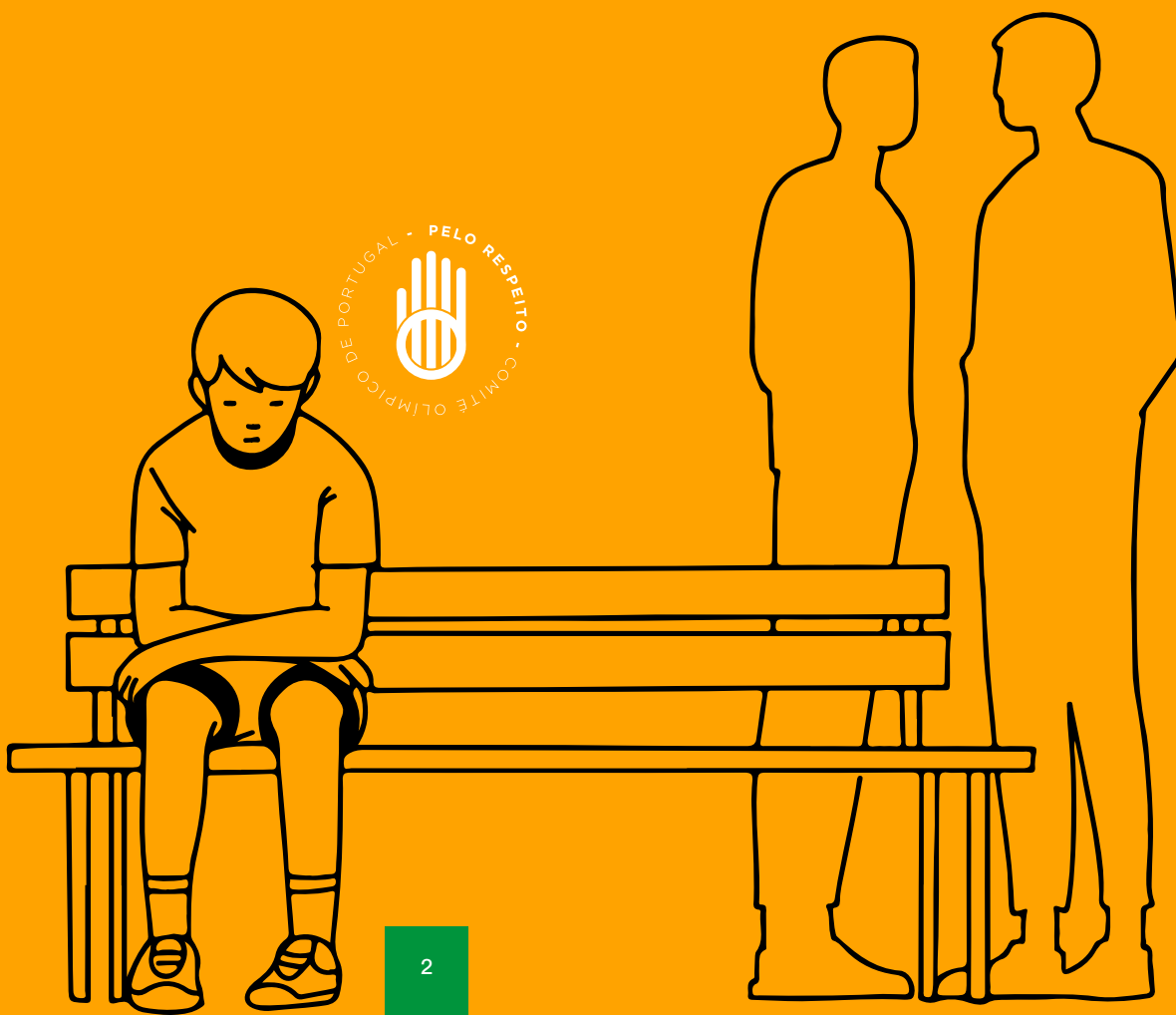


Novembro 2024



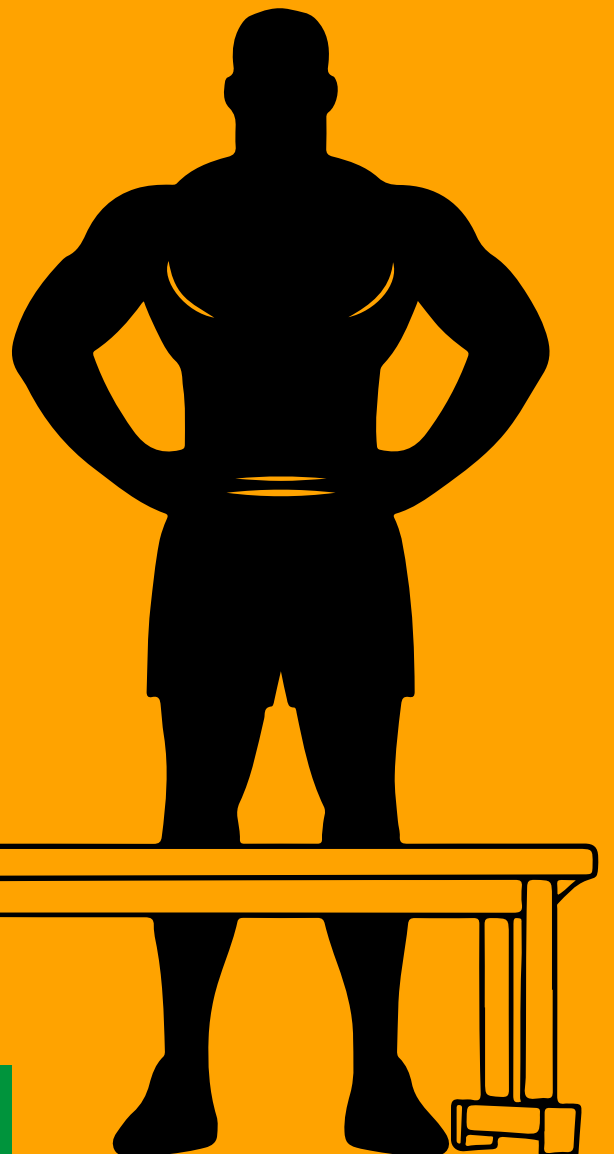
ESTUDO
DA PREVALÊNCIA
DE VIOLÊNCIA
CONTRA ATLETAS





ÍNDICE

NOTA DE APRESENTAÇÃO	5
SUMÁRIO	7
METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DO PROJECTO	11
Objetivo geral e específicos	11
População-alvo	11
Participantes no estudo (amostra)	11
Considerações éticas	13
Procedimentos metodológicos na validação e adaptação do VTAQ	13
Tratamento estatístico	15
ANÁLISE DE RESULTADOS	17
I) Análise da prevalência de comportamentos de violência e abuso contra atletas	17
1. Prevalência de episódios de diferentes tipos de violência	17
2. Prevalência de episódios de violência: comparação entre sexo, idade e modalidade	19
3. Prevalência de episódios de violência entre atletas	19
i. Prevalência de tipos de episódios de violência mais comuns entre atletas	20
4. Prevalência de episódios de violência por parte de treinadores/as	21
i. Prevalência de episódios de violência psicológica/negligência mais comuns entre treinador-atleta	23
ii. Prevalência de episódios de violência sexual mais comuns entre treinador-atleta	24
iii. Prevalência de episódios de violência física mais comuns entre treinador/a-atleta	25
5. Prevalência de episódios de violência por parte de pessoas em posição de autoridade	26
i. Prevalência de episódios de violência psicológica/negligência mais comuns entre pessoas em posição de autoridade-atleta	27
ii. Prevalência de episódios de violência física mais comuns entre pessoas em posição de autoridade-atleta	28
II) Análise de fatores preditores de violência contra atletas	29
III) Análise comparativa da prevalência de comportamentos de violência e abuso contra atletas (Canadá, Bélgica, Austrália, Suíça e Portugal)	30
1. Tipo de estudo e sustentação teórica	30
2. Tratamento de dados e amostra	31
3. Principais resultados	34
CONCLUSÕES	37
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS	41



NOTA DE APRESENTAÇÃO

A consciencialização e a capacitação, das organizações desportivas, bem como de todos os que nelas participam, para um conjunto de fenómenos que assolam o desporto, colocando em causa a sua integridade, foram uma preocupação durante o ciclo Olímpico 2020-2024, em matéria de prevenção de manipulação de competições, e maioritariamente no domínio da prevenção e resposta a todas as formas de violência e abuso.

Nesse sentido, no âmbito do Programa de Integridade “Pelo Respeito”, o Comité Olímpico de Portugal a par de um conjunto de outras iniciativas promoveu, em 2024, o estudo de “Prevalência de violência contra Atletas”, com o financiamento da Solidariedade Olímpica.

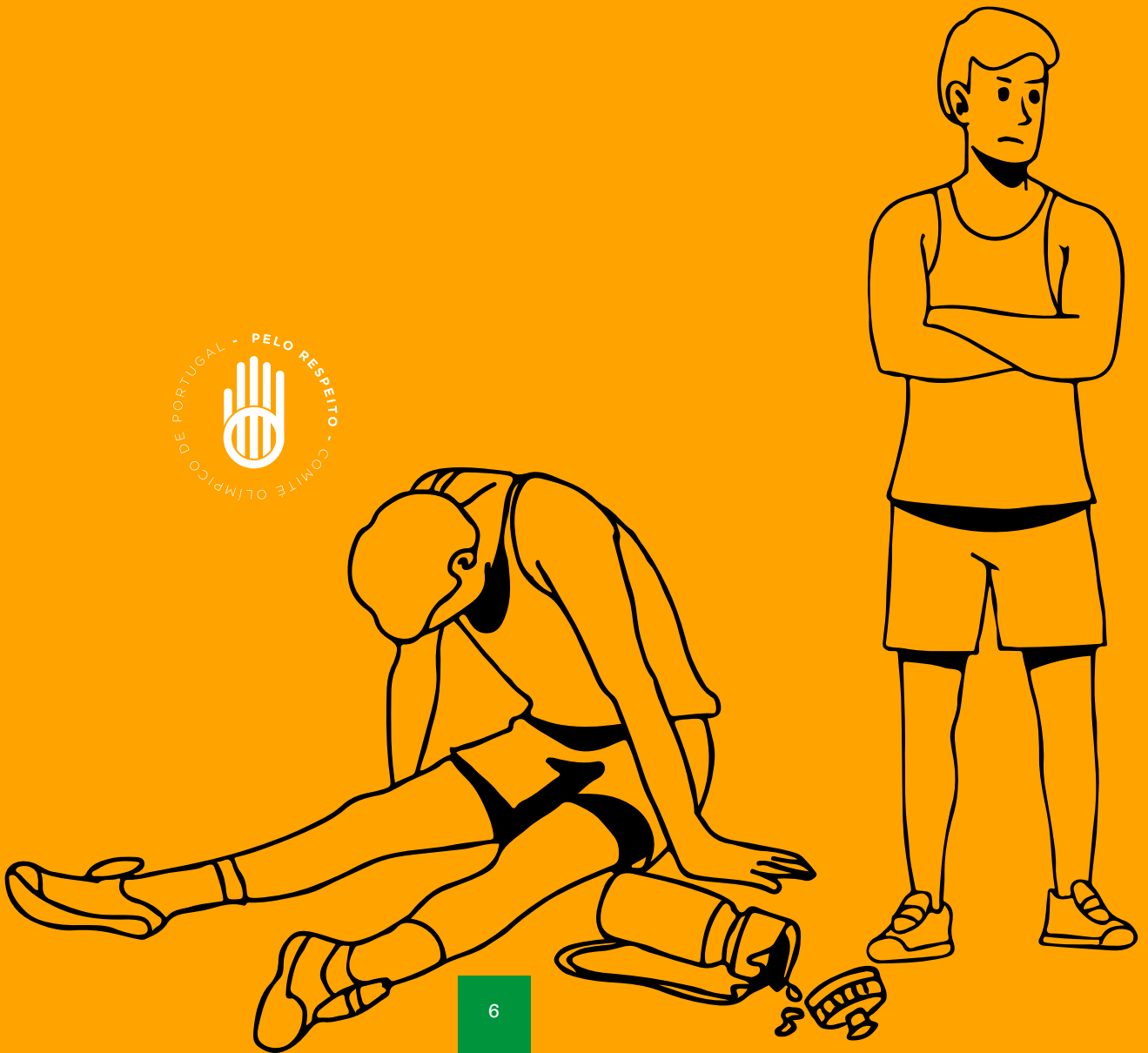
O estudo, desenvolvido pela Universidade Europeia sob a coordenação dos Professores Doutor Miguel Nery e Doutor Thiago Santos, com a participação da Professora Doutora Catarina Morais da Universidade Católica Portuguesa do Porto, é um primeiro contributo de análise da prevalência dos comportamentos de violência contra os atletas na realidade portuguesa, comparando com a realidade de outros países onde o fenómeno foi objeto de semelhante estudo.

A recolha dos dados decorreu junto de atletas com idade igual ou superior a 18 anos, que integram, ou integraram, nos últimos 10 anos, as Seleções Nacionais, e foi realizada com recurso a um instrumento desenvolvido no Canadá - *Violence Towards Athletes Questionnaire* (VTAQ) traduzido e validado para o nosso contexto desportivo, contando com a colaboração das Federações Desportivas, em particular das Federações com modalidades que integram o Programa dos Jogos Olímpicos.

Os resultados do estudo são fundamentais para compreender o fenómeno nos seus tipos, dinâmicas, consequências e implicações nas diferentes modalidades desportivas, e permitem comparar a situação a nível nacional com a de outros países, proporcionado ao Movimento Olímpico a oportunidade de beneficiar de informação concreta para melhor definir e adotar mecanismos robustos de prevenção e resposta a todas as formas de violência e abuso, tendo em vista garantir um ambiente mais seguro e positivo para todos os atletas em Portugal.

Artur Lopes

Presidente do Comité Olímpico de Portugal



SUMÁRIO

O desporto tem raízes profundas na Humanidade, existindo registos históricos milenares sobre a influência do desporto em diferentes partes do mundo. A evolução do mesmo resultou em grandes mudanças, particularmente desde o início do século XX, que decorreram em simultâneo com outras transformações sociais. A par com o crescimento do número de organizações desportivas (e.g. Federações, organismos internacionais), deu-se um movimento no sentido da inclusão de outros participantes no contexto competitivo outrora excluídos (e.g. mulheres, criação do desporto paralímpico).

Ao longo das últimas décadas, aumentou também a preocupação com o bem-estar dos atletas, para além da criação de agências antidoping e outros mecanismos de proteção dos atletas. Nos últimos 30 anos, a produção científica sobre violência, abuso e discriminação no desporto aumentou consideravelmente.

Os dados recolhidos sobre violência e abuso permitiram analisar a natureza e prevalência dos comportamentos, resultando em avanços importantes ao nível da prevenção e intervenção (Nery *et. al.*, 2020), assim como o desenvolvimento de políticas nacionais e internacionais. Existem vários tipos de violência contra atletas, tais como o abuso físico, verbal, emocional ou sexual; o *bullying* e a negligência devem também ser considerados, assim como o abuso institucional, trabalho infantil e diferentes formas de assédio. O estudo destas formas de violência interpessoal resultou em diferentes taxonomias e definições conceptuais (Gladden *et. al.*, 2014; Stirling, 2008, 2009).

Os atletas podem ser alvo dos diferentes tipos de violência interpessoal descritos, podendo ser perpetradas por diferentes agentes desportivos, tais como os pares, treinadores, outros membros da equipa técnica e pais, entre outros (Vertommen *et. al.*, 2022). A investigação científica realizada sobre violência por parte dos pares (*bullying*) tem vindo a aumentar, com investigadores de diferentes países a contribuírem para a compreensão da natureza e prevalência destes comportamentos (Evans *et. al.*, 2015; Nery *et. al.*, 2018; Ventura *et. al.*, 2019; Volk & Lagzdins, 2009; Fisher & Dzikus, 2017; Vveinhardt *et. al.*, 2019).

No que concerne à violência perpetrada por treinadores, os estudos focaram-se nas práticas de treino abusivas (Stirling, 2013, 2009; Battaglia *et. al.*, 2017), abuso emocional (Palframan, 1994; Stirling & Kerr, 2014), no assédio e abuso sexual (Brackenridge, 2001; Bringer, *et. al.*, 2001), entre outras formas de violência contra atletas. Os pais têm um papel fundamental na vida desportiva dos seus filhos; no entanto, podem também ser uma fonte de violência contra os atletas, tendo sido desenvolvidos estudos sobre esta temática (Heleno, 2023).

A investigação sobre violência contra atletas é um tema abrangente, tendo sido compilados alguns estudos em diversos volumes (Lang, 2020; Nery *et. al.*; 2023), e alvo de atenção por



parte de várias instituições (WHO, 2006; UNICEF, 2005, 2010), incluindo o Comité Olímpico Internacional.

Neste âmbito, Portugal participou (2020-2022) no projecto cofinanciado pelo Conselho da Europa e pela União Europeia, *Child Safeguarding in Sport*¹, juntamente com outros Estados Membros da União Europeia, no sentido de desenhar uma política nacional de proteção de atletas.

A preocupação com o bem-estar dos atletas, com especial relevo no desporto infanto-juvenil, tem merecido especial atenção por parte da União Europeia, que se reflete num aumento do investimento nesta área, através do financiamento de diversos projetos que visam fomentar o bem-estar e a proteção de atletas através de diversos programas de financiamento, nomeadamente o Erasmus+ *Sport*. Neste âmbito, podemos destacar algumas iniciativas como o CICEE-T² ou o *Safer Grassroots Sport*³, entre outros.

Apesar dos valiosos esforços desenvolvidos pela academia, através da realização de trabalhos que visam estimar a prevalência e compreender a natureza dos comportamentos de violência contra atletas, os resultados obtidos em diferentes estudos internacionais foram muito díspares. Como possíveis causas desta dispersão de resultados, destacam-se a adoção de diferentes definições conceptuais (e.g. violência, abuso), assim como a utilização de diferentes abordagens metodológicas, nomeadamente o uso de instrumentos de recolha de dados com diferentes características e/ou as populações estudadas. A falta de instrumentos validados em diferentes países tem dificultado a realização de estudos comparativos válidos (e importantes).

Dado o exposto, urge proceder à validação de instrumentos utilizados a nível internacional, assim como realizar estudos que permitam comparar a realidade de diferentes países, no sentido de saber mais, para planear e intervir melhor. Nesse sentido, uma equipa de investigação do Canadá desenvolveu um instrumento intitulado *Violence Towards Athletes Questionnaire* (VTAQ), que tem sido traduzido e validado para diferentes países. Este questionário de autoresposta, recolhe informação sobre as experiências pessoais de vitimização por parte dos atletas relativas a diferentes tipos de violência, a sua frequência e origem, nomeadamente pares, treinadores e/ou pessoas em posição de autoridade (por exemplo, pais, equipa médica, dirigentes, *staff* técnico).

¹ <https://pjp-eu.coe.int/en/web/pss/portugal-roadmap>

² <https://ciceet.infoproject.eu/>

³ <https://safergrassport.eu/>

Os conceitos que serviram de base à construção da versão original do VTAQ [ANEXO 1] e a seguinte definição de violência da Organização Mundial de Saúde são a base do presente estudo:

“...the intentional use of physical force or power, threatened or actual, against oneself, another person, or against a group or community, that either results in or has a high likelihood of resulting in injury, death, psychological harm, mal-development or deprivation.”

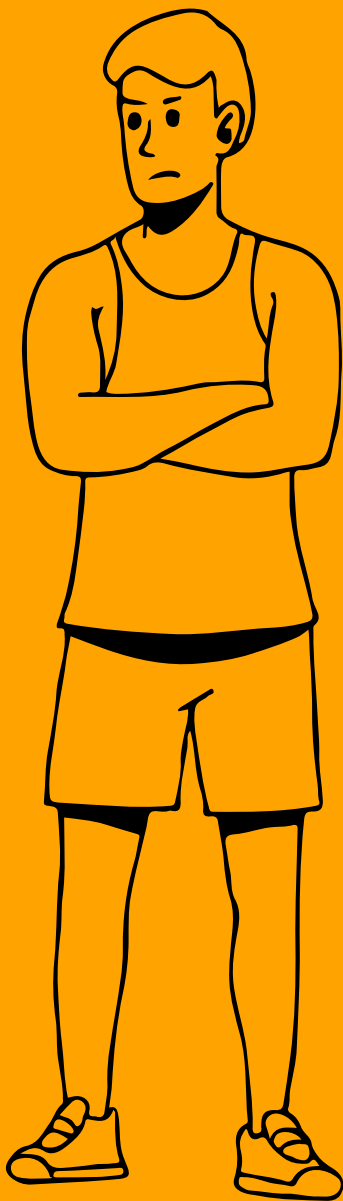
A criação do VTAQ consiste num esforço para obter um instrumento de recolha de dados sobre violência contra atletas, devidamente validado (Parent *et. al.*, 2019), e que pudesse ser adaptado e utilizado em diferentes países, no sentido de possibilitar a comparação de resultados. Nesse sentido, foram realizados estudos no Canadá (Parent & Vaillancourt-Morel, 2021), Suíça (Marsollier *et. al.*, 2021), Bélgica (Vertommen *et. al.*, 2022) e Austrália (Pankowiak *et. al.*, 2022).

No âmbito do exercício das suas funções, o Comité Olímpico de Portugal⁴ deu início a um projeto com o objetivo de estudar a realidade portuguesa. O estudo sobre a prevalência dos comportamentos de violência contra os atletas nasce de uma iniciativa do Comité Olímpico de Portugal que, seguindo as diretrizes do Comité Olímpico Internacional, e em parceria com a Universidade Europeia, procurou aferir a prevalência e perceber a natureza dos comportamentos de violência contra os atletas. A Universidade Católica do Porto entrou também no consórcio, através da colaboração no âmbito da validação do instrumento e recolha de dados.

O projeto consistiu na tradução e adaptação do questionário VTAQ para a população portuguesa, seguidas de um estudo em que se procedeu à recolha e análise de dados através do VTAQ (versão portuguesa). No final, foi feita uma análise comparativa entre os resultados do estudo realizado em Portugal com outros países onde foram adotadas metodologias semelhantes.

Os resultados do estudo sobre a prevalência de violência contra os atletas estão em linha com os que foram obtidos em investigações realizadas noutros países. A prevalência deste tipo de comportamentos é considerável, alertando para a necessidade de serem levadas a cabo medidas de prevenção e intervenção, no sentido de melhorar as experiências desportivas de atletas.

⁴ Com o apoio financeiro do Programa de Solidariedade Olímpica.



METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DO PROJETO

Objetivo geral e específicos

O objetivo geral do projeto⁵ consistiu em caracterizar os comportamentos de violência e de abuso contra atletas em Portugal, na ótica da compreensão das suas tipologias, dinâmicas, consequências e implicações e em função da especificidade das modalidades desportivas.

A operacionalização do objetivo geral baseou-se na consecução de quatro objetivos específicos, divididos em 4 etapas, que consistiram em 1) traduzir e adaptar o questionário VTAQ; 2) estimar a prevalência de diferentes tipos de violência contra atletas por parte dos pares, treinadores e/ou pessoas em posição de autoridade utilizando o VTAQ; 3) identificar os fatores de risco dos diferentes tipos de violência interpessoal; e 4) analisar os resultados obtidos, comparando-os com os dados recolhidos noutros países com recurso a metodologias semelhantes.

Na etapa 1 procedeu-se à tradução e adaptação do VTAQ para a população portuguesa. Uma vez obtida a versão final do questionário, procedeu-se à etapa 2, que teve como objetivos estimar a prevalência de comportamentos de violência contra atletas por parte de pares, treinadores e/ou pessoas em posição de autoridade assim como a identificação de fatores de risco (preditores). Finalmente, na etapa 4, procedemos à comparação dos resultados obtidos com estudos realizados noutros países que utilizaram uma metodologia semelhante.

De seguida, serão descritos todos os procedimentos levados a cabo ao longo das diferentes etapas.

População-alvo

O projeto focou-se no estudo da prevalência de comportamentos de violência contra atletas com 18 ou mais anos de idade, que tivessem participado em Seleções Nacionais. Os participantes do estudo são descritos em baixo.

Participantes no estudo (amostra)

No total, participaram no estudo 336 atletas, de 17 Federações desportivas. A distribuição dos participantes, em função da Federação à qual o atleta está vinculado, é diversificada e reflete a amplitude do estudo. Entre as Federações com maior número de respondentes destacam-se a de Futebol (n=50) e a de Andebol (n=48). De destacar também outras Federações que tiveram uma participação significativa, como a de Montanhismo (n=23), Badminton (n=22), Ginástica (n=20) e Basquetebol (n=17). As Federações com uma participação intermédia foram as de Remo (n=15), Karaté e Voleibol, (ambas com n=13), e Ciclismo (n=11). As Federações de Triatlo e Vela tiveram o mesmo número de respondentes inferior a 10 (ambas com n=6) e, entre as Federações que tiveram uma participação mínima, com apenas um respondente cada, encontram-se a de Automobilismo e Karting, a de Desportos de Inverno, Golfe, Kempo, e Lutas Amadoras.

⁵ Ver no ANEXO 2 uma descrição detalhada.

Tabela 1. Participantes no estudo, por Federação Desportiva

Modalidade	Prevalência (n; %)
Futebol	50; 14,9%
Andebol	48; 14,3%
Montanhismo	23; 6,8%
Badminton	22; 6,5%
Ginástica	20; 5,9%
Basquetebol	17; 5,1%
Remo	15; 4,5%
Karaté	13; 3,9%
Voleibol	13; 3,9%
Ciclismo	11; 3,3%
Triatlo	6; 1,8%
Vela	6; 1,8%
Automobilismo e Karting	1; 0,3%
Desportos de Inverno	1; 0,3%
Golfe	1; 0,3%
Kempo	1; 0,3%
Lutas amadoras	1; 0,3%

Dos 336 participantes, 148 atletas eram do sexo feminino (44%) e 188 do sexo masculino (56%). As idades dos participantes estavam compreendidas entre os 18 e os 44 anos (M = 28, DP = 9.5).

A estratégia de amostragem consistiu em partilhar o *link* de acesso ao questionário junto das Federações Desportivas das diferentes modalidades. Foi pedido a estes organismos que apelassem à participação dos seus atletas, através da divulgação do estudo e do *link* de acesso ao questionário. Estas tarefas estiveram a cargo do Comité Olímpico de Portugal (COP), entidade que articulou a comunicação com as Federações.

Foram tomadas algumas medidas com o objetivo de maximizar a participação; assim, no dia 19 de Fevereiro foi organizada uma sessão de esclarecimento *online*, dirigida aos pontos focais das Federações Desportivas, que contou com a presença da equipa de investigação da Universidade Europeia e representantes do COP. Procedeu-se à apresentação do estudo (equipa, objetivos, datas), discutiu-se o papel dos pontos de contacto nos diferentes organismos desportivos (Federações) e, finalmente, explicou-se sobre como os participantes poderiam participar. No final da sessão de esclarecimento, foi partilhado o *link* de acesso ao questionário e estabelecido o limite temporal para o preenchimento do questionário por parte dos participantes.

O *link* de acesso ao questionário foi assim partilhado através das Federações Desportivas representantes de cada uma das modalidades, que o divulgaram junto dos atletas. Os dados recolhidos foram sujeitos a tratamento estatístico por parte dos investigadores.

Considerações éticas

Numa primeira fase, a equipa de investigação entrou em contacto com os autores da versão original do VTAQ, no sentido de explicar o âmbito e objetivo do projeto, e de obter autorização para adaptar e utilizar o instrumento. Foi-nos comunicado que o VTAQ estava a ser traduzido e adaptado para diversos idiomas, com o intuito de permitir a recolha e comparação de dados em diferentes países, e que a iniciativa de incluir Portugal era importante. Foi-nos dada autorização para utilizar o VTAQ, e partilhados alguns documentos de apoio ao seu uso.

Após a autorização concedida para a utilização do VTAQ, submetemos o projeto para análise da Comissão de Ética (CdE) da Universidade Europeia. Numa primeira instância, a proposta de projeto foi alvo de análise pela *Data Protection Officer (DPO)*, que considerou que o estudo estava em conformidade com as melhores práticas. Finalmente, e após análise por parte da CdE, foi emitido um parecer favorável, permitindo assim avançar para as fases seguintes do projeto.

Procedimentos metodológicos na validação e adaptação do VTAQ

A validação e adaptação do VTAQ para a população portuguesa foi feita seguindo os seguintes passos: 1) tradução e retro-tradução, 2) discussão sobre termos técnicos com inclusão de especialistas em desporto, e 3) teste-piloto. De seguida descrevemos cada um dos procedimentos adotados, até chegarmos à versão final, utilizada na recolha de dados.

A versão inglesa disponibilizada pela equipa que criou o VTAQ (versão 1) foi traduzida pela equipa da Universidade Católica⁶ (inglês para português), dando origem à 2.^a versão do questionário. Esta última foi enviada para a equipa da Universidade Europeia⁷, que se encarregou de realizar uma retro-tradução do documento, chegando assim à versão 3 do VTAQ. A 3.^a versão do instrumento foi revista em conjunto pelas equipas envolvidas no processo de tradução e retro-tradução. Este processo consistiu em analisar os itens individualmente, assim como o grau de concordância com a sua tradução. Nos casos em que o grau de concordância era baixo, ou quando não existia concordância, procedeu-se às alterações necessárias até se chegar a uma versão dos itens em causa que fosse validada pelos intervenientes. No final deste procedimento, chegou-se à versão 4 do VTAQ⁸.

⁶ Equipa liderada por Catarina Morais. Esta versão traduzida foi aplicada a uma amostra inicial constituída por 262 jovens praticantes de desporto. No entanto, 12 participantes foram excluídos por não completarem o questionário na íntegra, pelo que 250 participantes foram considerados no estudo da Universidade Católica. Destes, 93 atletas eram do sexo feminino (37%), 155 do sexo masculino (62%), e 2 preferiram não dizer (1%). As idades dos participantes estavam compreendidas entre os 18 e os 44 anos ($M = 22,63$ e $DP = 4,39$). As modalidades abrangidas foram o andebol ($n=108$; 43%), o basquetebol ($n=69$; 28%) e o futebol ($n=73$; 29%).

⁷ Neste procedimento participaram Thiago Santos e Miguel Nery.

⁸ Neste processo, participou diretamente Cristina Almeida, elemento da equipa do Comité Olímpico de Portugal.

Finalmente, procedeu-se a uma validação final da terminologia desportiva adotada. Esta tarefa foi realizada por parte de outros elementos da equipa do COP, que não estiveram presentes no grupo de discussão, dando origem à versão 5 do VTAQ. Os procedimentos adotados, assim como as valências complementares e a multidisciplinariedade dos envolvidos permitiram desenvolver um trabalho robusto, fiável e válido. Esta versão do questionário foi ainda sujeita a um teste-piloto (versão 6). De notar que a tradução do questionário considerou a população-alvo do estudo⁹.

A versão 5 do VTAQ foi inserida no *software Qualtrics*. Após revisão do mesmo por parte da equipa de investigação, foi pedido a um reduzido número de participantes que realizasse um teste-piloto. Para tal, foi pedido aos participantes que preenchessem o questionário até ao final, que reportassem eventuais falhas, dessem sugestões de alterações e, finalmente, uma apreciação geral do instrumento. Esta etapa do estudo foi levada a cabo pela equipa da Universidade Católica do Porto.

A informação decorrente deste procedimento foi analisada e considerada, resultando em pequenas alterações na versão 5 do instrumento. Assim, após os procedimentos de adaptação adotados, chegámos à versão final do instrumento, que foi utilizada no estudo.

A versão final do questionário (traduzida e adaptada) do *Violence Towards Athletes Questionnaire* (VTAQ) resultou num instrumento de auto-resposta que recolhe informação sobre diferentes tipos de violência interpessoal sofrida pelos atletas. O questionário está dividido em 3 sub-escalas, correspondentes a diferentes agressores: pares, treinadores e/ou pessoas em posição de autoridade (por exemplo, pais, equipa médica, dirigentes, *staff* técnico). Os tipos de violência considerados correspondem a cada uma das 3 dimensões do instrumento: 1) violência psicológica e negligência, 2) violência física, e 3) violência sexual (assédio e abuso). Estas dimensões são consideradas em cada uma das 3 sub-escalas descritas anteriormente. O questionário é constituído por 71 itens distribuídos pelas 3 sub-escalas, avaliados numa escala através de 4 pontos que corresponde a diferentes níveis de frequência¹⁰ [ANEXO 1].

⁹ Ver Anexo 2 “DESCRIÇÃO DO ESTUDO”.

¹⁰ Escala: (1) Nunca, (2) Raramente (1 a 2 vezes), (3) Às vezes (3 a 10 vezes) e (4) Frequentemente (mais de 10 vezes).

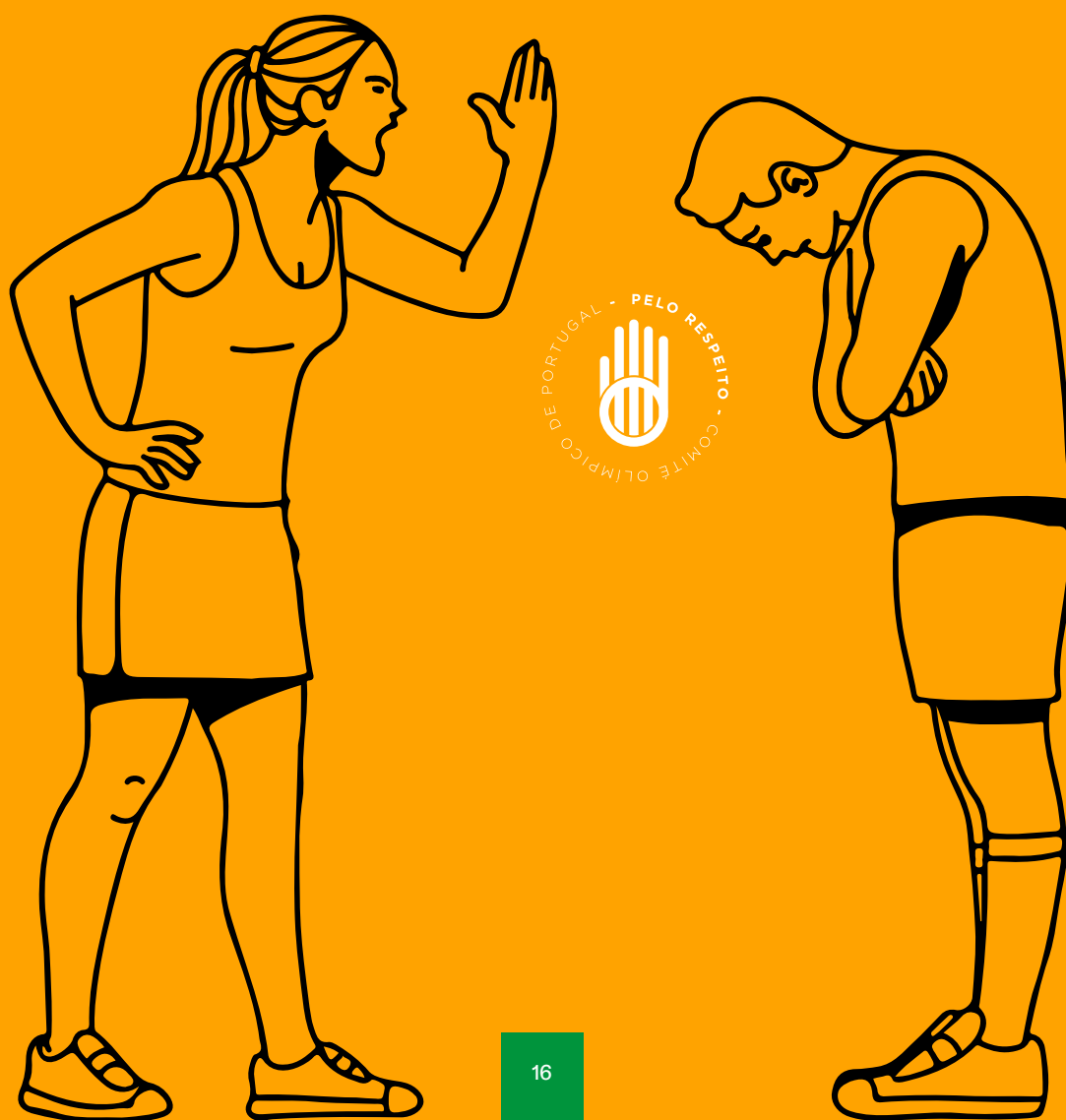
Tratamento estatístico

Para efeitos de análise de dados a equipa de investigação recorreu ao *software* SPSS, versão 28.0.

Para estimar a prevalência de diferentes tipos de violência contra atletas, recorreremos a uma abordagem estatística descritiva, complementada com uma diferencial. Nesta fase, focamo-nos em descrever a prevalência dos diferentes tipos de comportamentos de violência e abuso contra atletas, recorrendo para o efeito ao cálculo de prevalências e, para a comparação entre sexos, ao teste do qui-quadrado.

Para identificar os fatores de risco dos diferentes tipos de violência contra atletas, calculámos os fatores preditores através de uma regressão logística. Os testes de significância estatística, razões de chances (ORs) e intervalos de confiança de 95% para todos os potenciais preditores foram analisados separadamente, por tipo de violência.

Na análise comparativa com investigações realizadas noutros países que utilizaram o VTAQ e metodologias semelhantes, não foi feito tratamento estatístico, procedemos à análise de frequências entre diferentes estudos, assim como a comparação dos desenhos metodológicos dos mesmos.



ANÁLISE DE RESULTADOS

I) Análise da prevalência de comportamentos de violência e abuso contra atletas

1. Prevalência de episódios de diferentes tipos de violência

À semelhança dos procedimentos de análise estatística adotados noutros países¹¹, dividimos a amostra entre participantes que não reportaram qualquer episódio de violência e aqueles que reportaram terem sofrido pelo menos um episódio de violência. Os dados são apresentados abaixo.

O Gráfico 1 apresenta os dados relativos à prevalência de episódios de violência contra os atletas. Os dados permitiram observar participantes que não reportaram qualquer tipo de episódio de violência sofrido ou, pelo contrário, participantes que reportaram terem sofrido um ou mais tipos de violência. Nesta secção, focamo-nos essencialmente na prevalência dos diferentes tipos de violência reportados pelos participantes (dimensões do VTAQ). Os resultados indicam que a larga maioria dos participantes (84,23%) já sofreu algum tipo de violência

Prevalência de algum tipo de violência

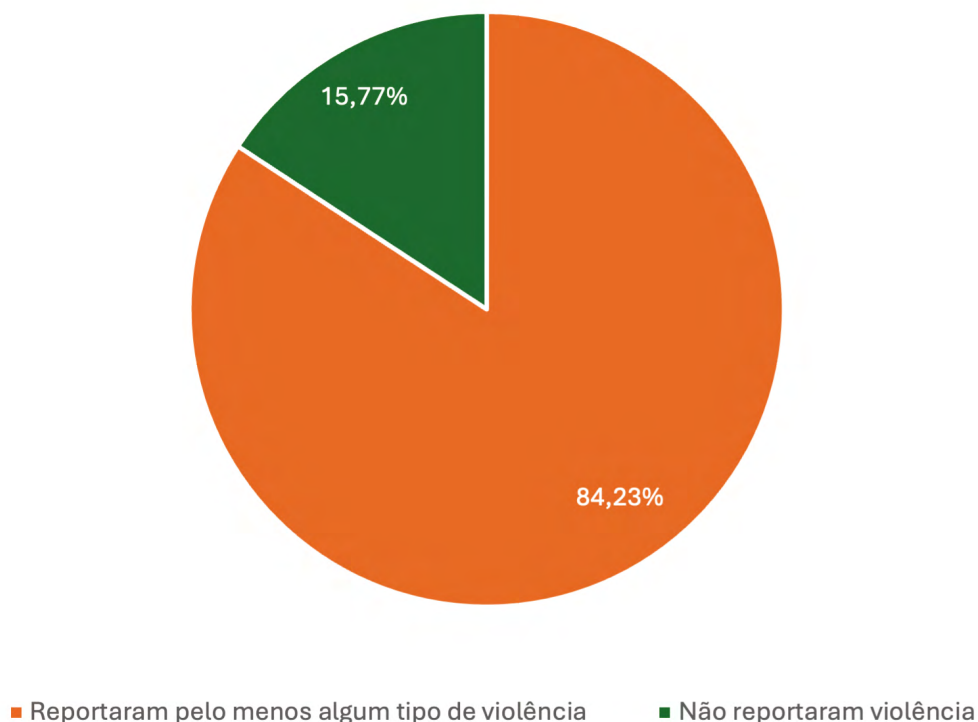


Gráfico 1: prevalência de episódios de violência.

¹¹ Descritos na Tabela 3.

O Gráfico 2 apresenta os dados relativos à prevalência de tipos de violência contra os atletas. Destes, um total de 82,44% dos participantes reportou ter sofrido violência psicológica/negligência. Mais de metade dos participantes refere ter sofrido violência física (57,44%), e 42,26% reportaram terem sido vítimas de violência sexual.



Gráfico 2: prevalência de episódios de diferentes tipos de violência.

As análises posteriores focam-se somente nos participantes que reportaram pelo menos um episódio de violência. Uma vez calculada a prevalência de diferentes tipos de violência (dimensões), descrevemos de seguida os resultados obtidos em cada uma das sub-escalas do questionário, referentes aos diferentes agressores.

A análise baseada na estatística descritiva adotada nesta primeira fase permitiu perceber qual a prevalência dos diferentes tipos de comportamentos agressivos contra atletas, por parte de pares, treinadores e/ou pessoas em posição de autoridade. A seguir adotamos uma abordagem diferente, que visa analisar se existem diferenças entre sexos.

2. Prevalência de episódios de violência: comparação entre sexo, idade e modalidade

Os participantes considerados nesta análise resumiram-se aos que responderam à questão sobre qual o seu sexo (homem ou mulher); os participantes que não responderam a esta questão não puderam ser integrados na análise comparativa, resultando num total de 80,06% (n = 269) dos atletas que reportaram terem sofrido pelo menos um episódio de violência (diferentes tipos). A Tabela 1 apresenta as frequências de cada tipo de violência comparando atletas, homens e mulheres.

Tabela 1. Comparação das frequências de cada tipo de violência entre Homens e Mulheres atletas.

Tipo de violência	Homens (n=144)	Mulheres (n=125)	X ²	P-value	Magnitude do efeito
	% (n)	% (n)			
Psicológico-Negligência	54,2 (142)	45,8 (120)	1,80	,180	Sem efeito
Física	59,2 (64)	40,7 (44)	2,38	,123	Sem efeito
Sexual	42,3 (47)	57,7 (64)	9,51	,002	18%

Não existiram diferenças significativas na proporção de homens e mulheres que relataram violência psicológica e negligência ou violência física. Somente no que concerne à violência sexual, as mulheres reportaram sofrer mais deste tipo de agressão quando comparadas com os homens (respetivamente, 57,7% e 42,3%), existindo neste caso uma diferença significativa. Assim, os resultados sugerem que as mulheres estão mais sujeitas a violência sexual que os homens.

3. Prevalência de episódios de violência entre atletas

Nesta secção, analisamos a prevalência dos diferentes tipos de violência (dimensões), na sub-escala específica das relações entre pares (atletas). O Gráfico 3 mostra que a violência psicológica/negligência foi a mais reportada, com cerca de 9% do total de atletas. A prevalência de violência física correspondeu a 6%, enquanto a violência sexual esteve pouco acima de 1%. Os participantes tinham idades compreendidas entre 18 e 44 anos, e haviam participado num desporto organizado antes dos 18 anos.

Prevalência de episódios de violência entre pares (atletas).

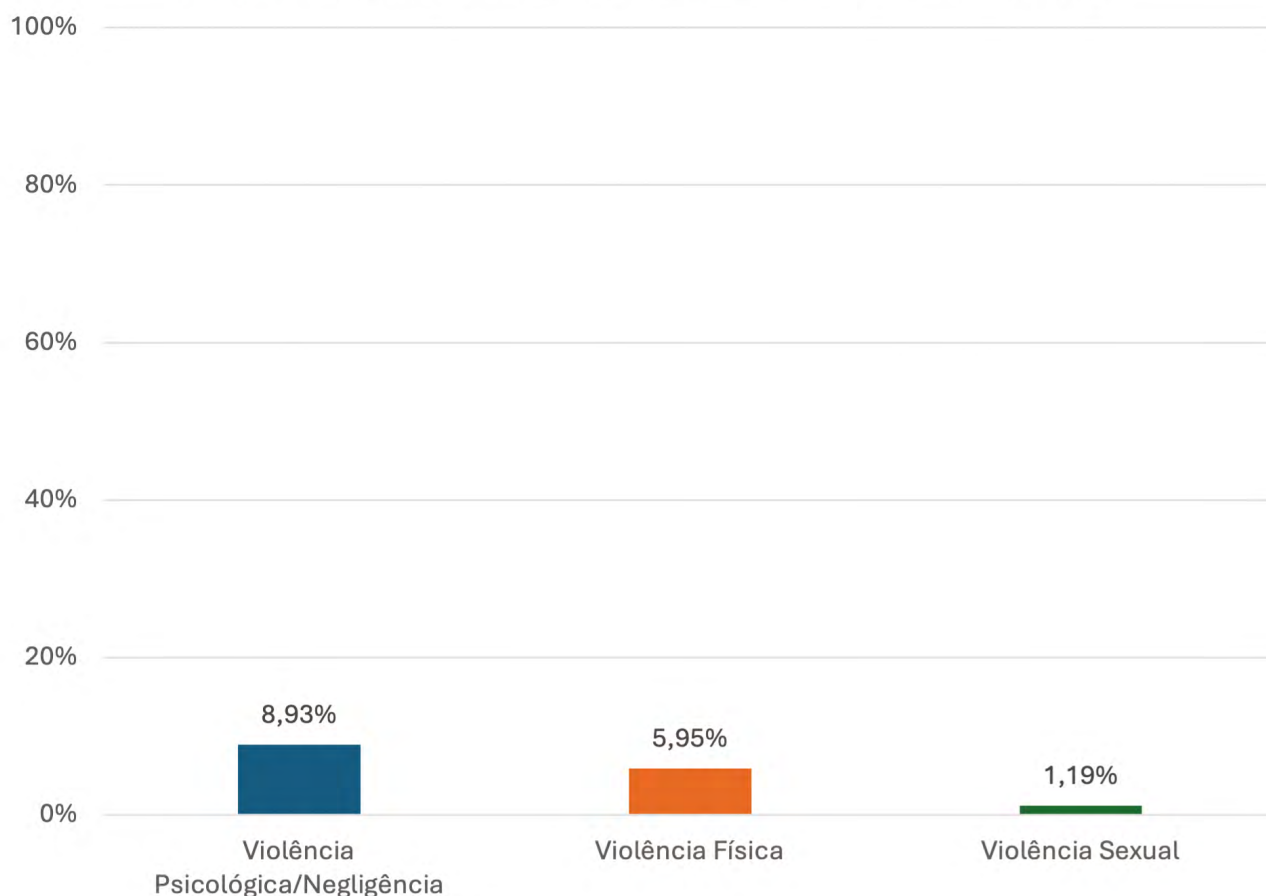


Gráfico 3: prevalência de episódios de violência entre atletas.

i. Prevalência de tipos de episódios de violência mais comuns entre atletas

Numa análise mais detalhada dos tipos de episódios de violência mais comuns entre atletas (9 tipos identificados), destaca-se “roubar ou danificar objetos pessoais” (violência psicológica), reportado por mais de metade dos participantes (53%). Outros itens reportados por aproximadamente metade dos participantes dizem respeito também a comportamentos de violência psicológica, tais como “prejudicar o nome e espalhar boatos” e “exclusão social” (ambos com 48%). De destacar “bater e/ou empurrar”, com 48,2% de atletas a reportarem terem sido alvo desta forma de violência física por parte de outros atletas.

Prevalência da violência psicológica/negligência por parte de pessoas em posição de autoridade (por ex., pais, equipa médica, dirigentes, staff técnico)



Gráfico 4: tipos de episódios de violência mais comuns entre atletas.

4. Prevalência de episódios de violência por parte de treinadores/as

Analisamos nesta parte a prevalência dos diferentes tipos de violência (dimensões), na sub-escala específica das relações entre treinador/a e atletas. Os dados do Gráfico 5 referem-se a eventos que possam ter sido causados por treinadores ou treinadoras durante a carreira desportiva dos atletas, desde a infância até ao momento atual, em contexto de treinos, competições ou qualquer outro evento relacionado com a prática desportiva (exemplos: reuniões, sessões de vídeo, estágios, viagens, eventos da equipa).

Prevalência de episódios de violência por parte de treinadores/as.

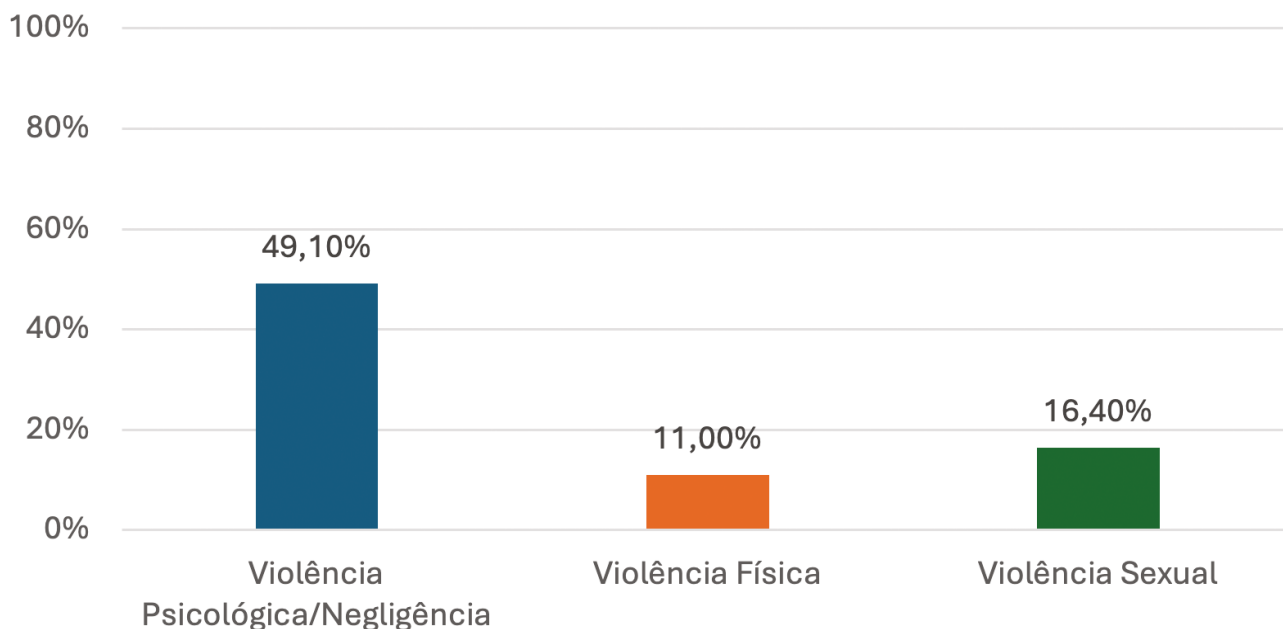


Gráfico 5: prevalência de episódios de violência entre treinador-atleta.

Contrariamente à prevalência geral dos diferentes tipos de violência, em que a violência psicológica/negligência foi a mais reportada, seguida da violência física e, por fim, a sexual (dados em linha com os resultados reportados nas relações entre atletas), nos episódios de violência sofrida por parte de treinadores/as, dá-se uma inversão na ordem, passando a violência sexual a ser mais reportada do que a violência física.

Apesar de a violência psicológica/negligência continuar a ser a mais prevalente, com cerca de metade dos atletas a reportar algum episódio desta natureza (49,1%), em segundo lugar destaca-se a violência sexual; aqui, 16,4% reportaram terem-se sentido desconfortáveis (pelo menos uma vez) com comportamentos de natureza sexual do seu treinador ou treinadora. Por fim, 11% dos atletas indicaram que, em algum momento da sua vida desportiva, já sofreram violência física ou foram estimulados a adotar um comportamento agressivo por parte de um treinador ou treinadora.

De seguida, são descritos os tipos de episódios mais comuns por cada tipo de violência de treinadores/as contra atletas.

i. Prevalência de episódios de violência psicológica/negligência mais comuns entre treinador-atleta

Prevalência da violência psicológica/negligência dos treinadores/treinadoras no contexto desportivo



Gráfico 6: tipos de episódios de violência psicológica/negligência mais comuns entre treinador/a-atleta.

Ser “excluído e/ou rejeitado de forma intencional” pelos treinadores/as é o tipo de episódio mais comum, tendo sido reportado por cerca de metade dos atletas (49%). No entanto, é importante também destacar que cerca de um quarto dos participantes referiu que os seus treinadores/as “obrigaram ou pediram que fizesse um treino extra, muito intenso ou excessivo” (27,3%), “sugeriram ou obrigaram a fazer movimentos técnicos demasiado complexos” para as capacidades do atleta (24,7%), ou “criticaram excessivamente” (23%). Estes dados

sugerem uma sensação de excesso de exigência, que vai além das capacidades do/a atleta em corresponder ao que lhe é pedido.

Por fim, cerca de um quinto dos participantes reportou ainda que os treinadores/as intencionalmente os ignoraram ou se mostraram indiferentes (21,5%), obrigaram a que treinassem lesionados (20,2%), e/ou os fecharam num espaço apertado ou tentaram limitar os seus movimentos (19,7%).

ii. Prevalência de episódios de violência sexual mais comuns entre treinador-atleta

Como referido anteriormente, a prevalência de episódios de violência sexual por parte de treinadores/as assume maior destaque quando comparada com os episódios de violência entre atletas.

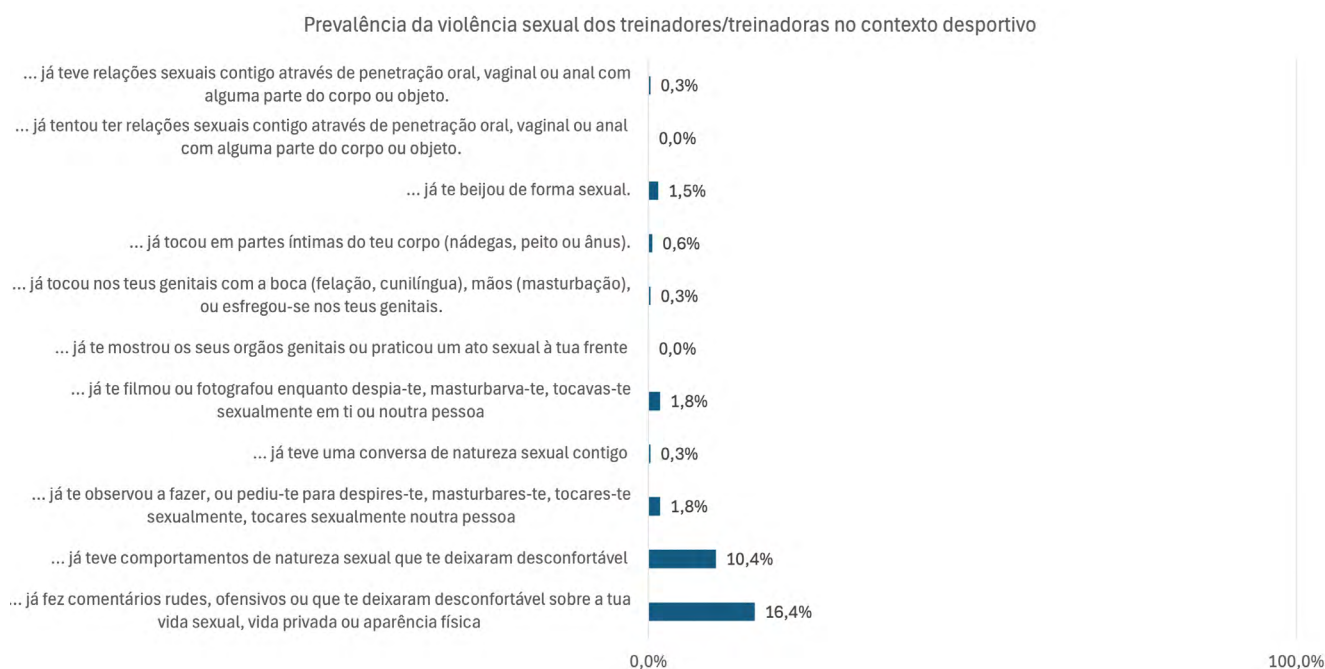


Gráfico 7: tipos de episódios de violência sexual mais comuns entre treinador/a-atleta.

No que diz respeito aos comportamentos de natureza sexual provocados ou estimulados por treinadores ou treinadoras (Gráfico 7), 16,4% reportam que estes fizeram “comentários rudes, ofensivos ou que te deixaram desconfortável sobre a tua vida sexual, privada ou aparência física”. Um em cada dez atletas referiu que os/as treinadores/as já tiveram “comportamentos de natureza sexual” que os deixaram desconfortáveis (10,4%). Uma minoria de participantes (1,8%), reportaram episódios mais graves, tais como “filmear ou fotografar enquanto o despia, masturbava, tocava sexualmente no mesmo ou noutra pessoa”, e/ou “observou ou pediu ao atleta para se despir, masturbar ou tocar sexualmente noutra pessoa”.

iii. Prevalência de episódios de violência física mais comuns entre treinador/a-atleta

No que diz respeito a violência física por parte de treinadores/as (Gráfico 8), 11% dos atletas indicam que o seu treinador ou treinadora já os obrigaram a adotar comportamentos violentos contra um adversário, e 7,7% indicam que já foram agredidos fisicamente pelos seus treinadores ou treinadoras.

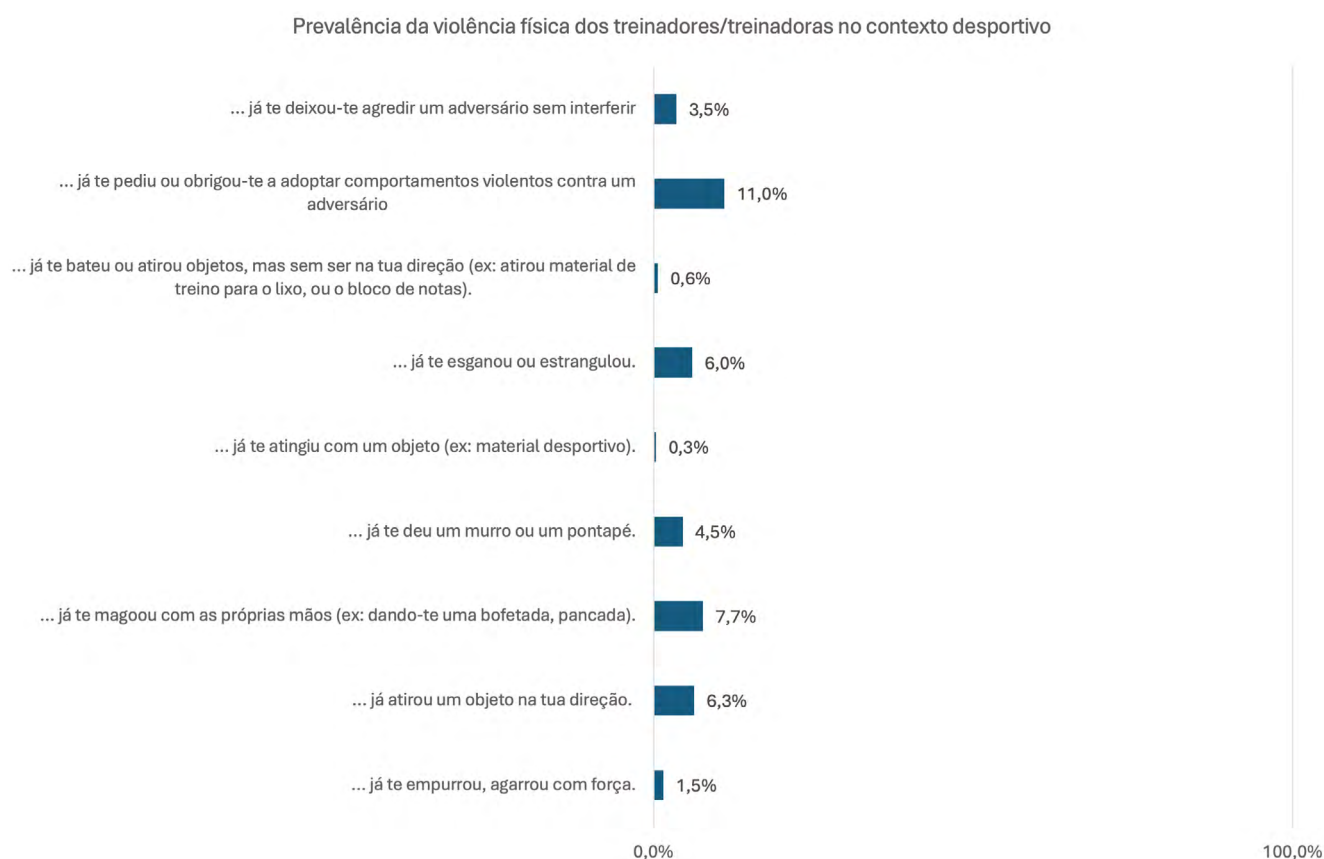


Gráfico 8: tipos de episódios de violência física mais comuns entre treinador/a-atleta.

5. Prevalência de episódios de violência por parte de pessoas em posição de autoridade

Nesta secção, analisamos a prevalência dos diferentes tipos de violência (dimensões) na sub-escala específica das relações entre pessoas em posição de autoridade e atletas (por exemplo, pais, equipa médica, dirigentes, *staff* técnico). Os dados apresentados (Gráfico 9) referem-se a eventos que possam ter sido causados por pessoas em posição de autoridade durante a carreira desportiva dos atletas, desde a infância até ao momento atual, em contexto de treinos, competições e/ou outro evento relacionado com a prática desportiva (exemplos: reuniões, sessões de vídeo, estágios, viagens, eventos da equipa). De notar que a violência sexual não foi reportada e, à semelhança dos tipos de violência na relação entre pares e treinador/a-atleta, a violência psicológica/negligência foi a mais reportada (44%).

Prevalência de episódios de violência por parte de pessoas em posição de autoridade (por ex., pais, equipa médica, dirigentes, *staff* técnico).

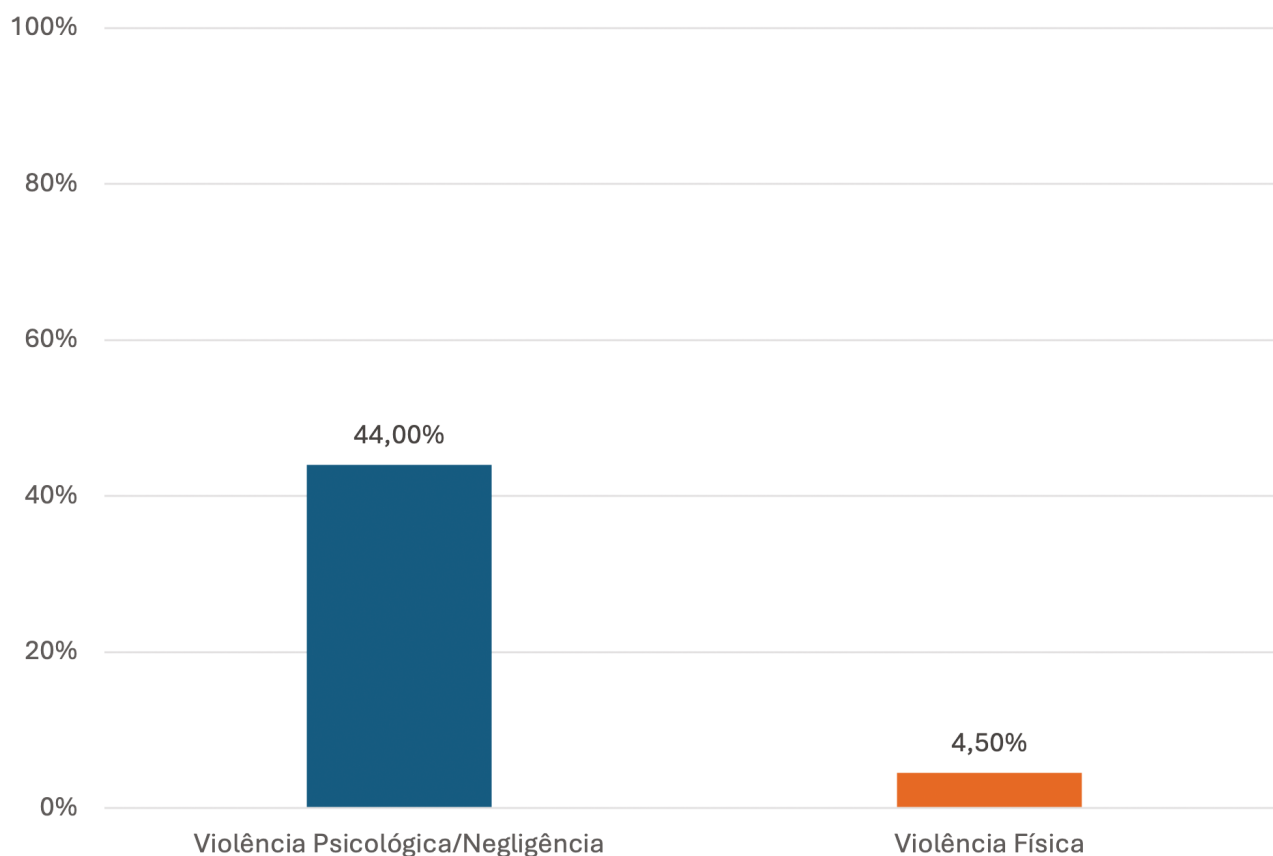


Gráfico 9: prevalência de episódios de violência entre pessoas em posição de autoridade e atleta.

i. Prevalência de episódios de violência psicológica/negligência mais comuns entre pessoas em posição de autoridade-atleta

Uma minoria significativa (4,5%) reportou que em algum momento da sua vida desportiva, pessoas em posição de autoridade já os estimularam ou obrigaram a adotar comportamentos agressivos no desporto. De seguida analisamos estes dados com maior detalhe.

Prevalência da violência psicológica/negligência por parte de pessoas em posição de autoridade (por ex., pais, equipa médica, dirigentes, staff técnico)



Gráfico 10: tipos de episódios de violência psicológica/negligência mais comuns entre pessoas em posição de autoridade-atleta.

No que concerne a violência psicológica/negligência na relação entre pessoas em posição de autoridade e atletas, destacam-se os episódios em que estes “excluíram ou rejeitaram intencionalmente” os atletas (44%) reportado por quase metade dos atletas. Apesar de reportados com menor frequência, 18,2% das pessoas em posição de autoridade pediram que os atletas treinassem até à exaustão, e 17,3% dos atletas reportaram que estas pessoas em posição de autoridade sabiam que o/a atleta estava a utilizar métodos não saudáveis de emagrecimento e não interferiram. Outros comportamentos reportados com frequência semelhante foram a crítica excessiva e ter fechado o atleta num espaço apertado ou ter tentado limitar os seus movimentos (ambos com 16,7%), assim como obrigar que o/a atleta treinasse lesionado, apesar de aconselhamento médico em sentido contrário (16,1%).

ii. Prevalência de episódios de violência física mais comuns entre pessoas em posição de autoridade-atleta

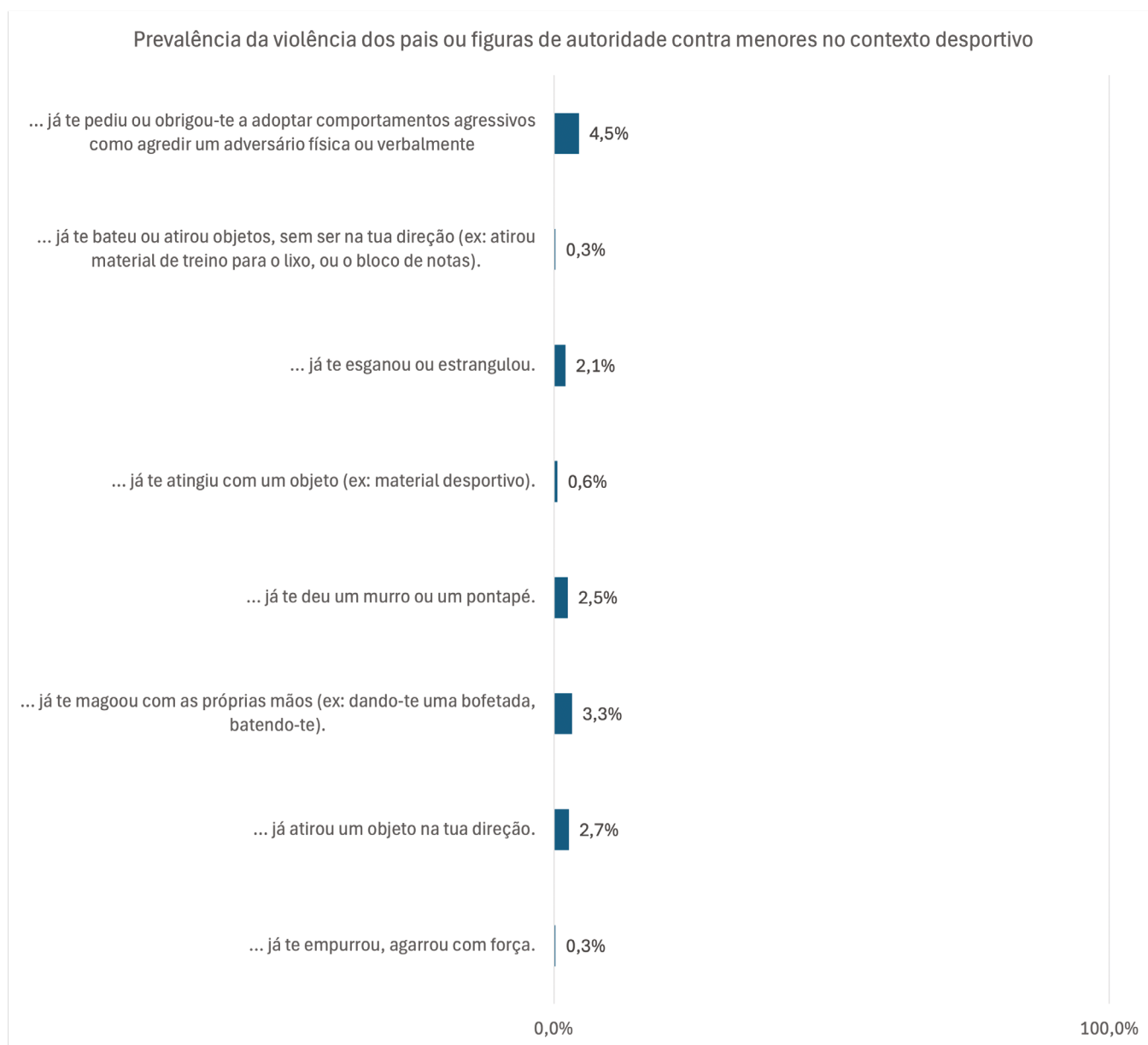


Gráfico 11: tipos de episódios de violência física mais comuns entre pessoas em posição de autoridade-atleta.

No que diz respeito à prevalência de violência física, os resultados reportados são mais baixos. No entanto, 4,5% dos atletas referiram que as pessoas em posição de autoridade já os estimularam a adotar um comportamento agressivo contra um adversário. Cerca de 6% já foram agredidos fisicamente e 2,1% chegaram a ser estrangulados ou esganados pelas pessoas em posição de autoridade em contexto desportivo.

II) Análise de fatores preditores de violência contra atletas

Nesta etapa do estudo, o objetivo consistiu em identificar os fatores de risco dos diferentes tipos de violência contra atletas (preditores). As análises de regressão logística múltipla foram utilizadas para examinar as relações entre os diferentes tipos de violência com variáveis como a idade, o sexo e o tipo de modalidade desportiva (coletiva ou individual). O objetivo desta análise foi perceber se alguma das variáveis consideradas (idade, sexo e/ou tipo de modalidade) é preditora de algum tipo de violência (psicológica/negligência, física e/ou sexual). Os resultados descritos a seguir contemplam somente as correlações estatisticamente significativas.

Tabela 2. Regressão logística múltipla entre diferentes tipos de violência e idade, sexo e tipo de modalidade.

Fatores de risco	Violência Psicológica/ Negligência				Violência Física				Violência Sexual			
	R2=.03				R2=.02				R2=.05			
	95% IC				95% IC				95% IC			
	OR	Lower	Upper	p-value	OR	Lower	Upper	p-value	OR	Lower	Upper	p-value
Idade	,99	,90	1,09	,95	,97	,94	1,00	,10	,97	,94	1,00	,11
Sexo	,33	,06	1,76	,19	,65	,39	1,07	,09	2,04	1,24	3,37	***
Tipo de modalidade	,90	,17	4,82	,90	,99	,57	1,74	,99	1,16	,66	2,04	,59

Os resultados sugerem que nenhum dos fatores foi associado como sendo preditor de violência psicológica/negligência nem de violência física. No entanto, no que concerne à violência sexual, o sexo surgiu como um predito significativo, tendo as mulheres maior probabilidade de relatar um histórico de violência sexual do que os homens (OR=2,04). Este resultado é consistente com os dados analisados no ponto 2, relativo à comparação da prevalência dos diferentes tipos de violência em função do sexo.

III) **Análise comparativa da prevalência de comportamentos de violência e abuso contra atletas (Canadá, Bélgica, Austrália, Suíça e Portugal)**

A última parte do estudo foca-se na comparação dos resultados obtidos com investigações realizadas noutros países que utilizaram o VTAQ e metodologias semelhantes. Os estudos realizados no Canadá, Bélgica, Austrália e Suíça tiveram desenhos metodológicos semelhantes. Este estudo seguiu a mesma linha, no sentido de permitir a comparação dos resultados obtidos. No entanto, é necessário referir algumas diferenças metodológicas que devem ser consideradas na análise comparativa de resultados. Ao longo desta secção, iremos realçar os aspetos em que houve sobreposição de abordagens metodológicas, assim como as diferenças (quando existirem). Os resultados estão divididos em 3 secções, correspondentes a: a) Tipo de estudo e sustentação teórica, b) Tratamento de dados e amostra, e c) Principais resultados. Cada uma destas secções está dividida em subsecções, que correspondem aos parâmetros comparados.

1. Tipo de estudo e sustentação teórica

Nesta secção, comparamos o tipo de estudo, assim como as definições conceptuais adotadas em cada um (sustentação teórica).

Tipo de estudo

Todos os estudos são transversais, ou seja, os dados são recolhidos num único momento. No entanto, a Austrália e Portugal adotaram uma abordagem de carácter retrospectivo, em que é pedido aos participantes que façam alusão aos episódios de violência que tenham sofrido ao longo de toda a sua vida desportiva. De notar que, em ambos os casos, a média de idades e o desvio-padrão são superiores, quando comparados com o Canadá, Bélgica e Suíça (ver Anexo 3), o que ajuda a justificar esta opção metodológica.

Definições conceptuais

Houve um consenso alargado sobre a definição de violência adotada nos estudos do Canadá, Suíça e Portugal, que correspondeu à da Organização Mundial de Saúde. O estudo australiano não faz referência à definição conceptual adotada e o estudo belga baseou-se na definição do Art. 19 da Convenção dos Direitos da Criança.

“...all forms of physical or mental violence, injury and abuse, neglect or negligent treatment, maltreatment or exploitation, including sexual abuse while in the care of parent(s), legal guardian(s) or any other person who has the care of the child”.

A adoção dos mesmos conceitos dos diferentes tipos de violência (psicológica/negligência, física e sexual) é semelhante em todos os estudos, e o racional teórico tem uma elevada sobreposição. Esta convergência é importante para possibilitar a comparação de resultados.

2. Tratamentos de dados e amostra

Nesta seção, comparamos a abordagem estatística adotada em cada estudo no tratamento dos dados. De seguida, procedemos a uma comparação das amostras, considerando para o efeito o número de participantes, assim como a sua distribuição em função da idade e do sexo. Terminamos com uma comparação das variáveis preditoras consideradas em cada estudo, destacando as que são comuns aos cinco trabalhos.

Tratamento de dados

Tabela 3. Comparação da abordagem estatística nos estudos do Canadá, Bélgica, Austrália, Suíça e Portugal.

	Canadá	Bélgica	Austrália	Suíça
Abordagem estatística	Questionário on-line (Qualtrics) - <i>Violence Toward Athletes Questionnaire</i> Testes estatísticos utilizados: Prevalência: qui-quadrado (comparação entre sexos) Fatores de risco: regressão logística binária múltipla Alpha: ,05	Questionário on-line (Qualtrics) - <i>Violence Toward Athletes Questionnaire</i> Prevalência: análise de frequências e qui-quadrado (comparação entre sexos) Fatores de risco: Modelo de regressão linear múltipla Alpha: ,05	Questionário on-line (Qualtrics) - <i>Violence Toward Athletes Questionnaire</i> Prevalência: análise de frequências e qui-quadrado (comparação entre sexos) Fatores de risco: Regressão logística múltipla binária Alpha: ,05	Questionário on-line (Qualtrics) - <i>Violence Toward Athletes Questionnaire</i> Prevalência: Variáveis contínuas: T-Student Variáveis categoriais: qui-quadrado (comparação entre sexos) Alpha: ,05

Nos cinco estudos foi utilizado o Questionário *Violence Towards Athletes Questionnaire* (VTAQ), versão *online*, recorrendo para o efeito ao *software Qualtrics*. A Tabela 3 mostra como a abordagem utilizada no tratamento estatístico dos dados é semelhante, permitindo que estes sejam comparados.

Número de participantes

Tabela 4. Comparação da amostra nos estudos do Canadá, Bélgica, Austrália, Suíça e Portugal.

	Canadá	Bélgica	Austrália	Suíça
Amostra	<p>Amostra: N=1055 Idade [14-17] Média idade: 15,3 (\pm 1.1). Sexo: Raparigas: 763; rapazes: 292 Nacionalidade: Canadianos: 95,3% Europa: 4,5% Asiáticos: 2,0% Europa Leste: 1,2% Aborígenas: 1,5% África sub-sariana: 1,2% América Latina: 1,0% África do Norte: 0,9% Afro-americanos: 0,4% Orientação sexual: Heterossexuais: 92,5% Homossexuais: 1,7% Bissexuais: 1,3% Não responde: 4,4% Nº modalidades: 1 modalidade: 62,7% 2 modalidades: 37,3% Várias modalidades incluídas (individuais: 37,5%; coletivas: 49,1%; ambas: 12,7%) Nível competitivo: Local/regional: 19,2% Inter-regional: 7,2% Provincial: 46,6% Nacional: 20,6% Internacional: 5,4% Horas de Treino semanais: [> 20]: 8,1% [16-20]: 14% [11-15]: 26,4% [6-10]: 37,3% [<5]: 14,3%</p>	<p>Amostra: N=769 atletas (recrutamento realizado em 5 escolas secundárias) Intervalo idades [13-21] Média idade: 15,9 (\pm 1,3). Sexo: Raparigas: 256; rapazes: 507; outro: 5 Várias modalidades incluídas (individuais, Coletivas, ambas) Organização desportiva: Clube: 75,6%; Ginásio: 23,5%; Grupos informais: 2,6%; Sozinho: 21,6%; Campos férias: 15,9% Deficiência: 8,3% Especialização precoce: 29,3% Nível competitivo: Recreativo: 15,9% Local: 7,1% Regional: 36,9% Nacional: 21,2% Internacional: 8,9% Horas de Treino semanais: [>16]: 25% [6-15]: 50% [< 5]: 24% Estadia em centros de estágio: 56,4%</p>	<p>Amostra: N=886 atletas Intervalo idades [>18 anos] Média idade: 42 (\pm 15). Sexo: Mulheres: 63% Homens: 35% Outro: 1,9% Nacionalidade: Austrália: 94,9% UK: 1,4% Nova Zelândia: 1,2% Deficiência: 13,3% Várias modalidades incluídas (68): Individuais: 29,6% Coletivas: 70,4% Orientação sexual: Heterossexuais: 70% Maioritariamente heterossexual: 8% Bissexuais: 5% Maioritariamente homossexual: 2% Homossexuais: 2%</p>	<p>Amostra: N=210 atletas Intervalo idades [14-18 anos] Média idade: 16,51 (\pm 1,16). Sexo: Raparigas: 56% Rapazes: 44% Ensino secundário: Sim: 24,8% Não: 75,2% Várias modalidades incluídas (43): Individuais: 30,5% Coletivas: 31,9% Combate: 22,9% Exterior: 14,8% Horas de Treino semanais: [>10]: 12,4% [9-10]: 9,5% [7-8]: 17,1% [5-6]: 27,1% [3-4]: 23,3% [0-2]: 10,5% Nível competitivo: Recreativo: 21,4% Regional: 12,9% Cantonal (provincial): 22,4% Nacional: 34,8% Internacional: 8,6%</p>

No que concerne à amostra, o Canadá (n=1055), a Austrália (n=886) e a Bélgica (n=769) conseguiram um número de participantes mais elevado. Portugal (n=336) e Suíça (n=210) tiveram menos participantes, o que pode ter influência na qualidade da análise estatística, uma vez que alguns testes requerem um número elevado de participantes para serem utilizados.

Idade dos participantes

No que concerne à idade dos participantes, o Canadá [14-17 anos], a Bélgica [13-21 anos] e a Suíça [14-18 anos] tiveram como foco a adolescência. Nestes países, os dados foram recolhidos juntos de organizações desportivas (Canadá e Suíça) ou escolas secundárias (Bélgica). Os participantes do estudo australiano são maiores de idade [Média idade: 42 \pm 15 anos], e

o tipo de estudo, à semelhança do português [Média idade: 28 ± 9.5 anos], é de carácter retrospectivo. Em ambos os casos, os parâmetros relativos à média de idades e desvio padrão são mais elevados, quando comparados com os estudos levados a cabo no Canadá, Bélgica e Suíça.

Sexo dos participantes

Nos estudos do Canadá, Austrália e Suíça, a participação de elementos do sexo feminino é superior aos do sexo masculino. No caso da Bélgica, a tendência inverte-se, com quase o dobro ($n=507$) de participantes do sexo masculino comparativamente aos participantes do sexo feminino ($n=256$). A amostra portuguesa tem um equilíbrio de participantes no que concerne ao sexo, com 56% de homens, e 44% de mulheres.

Outras variáveis (preditores)

Tabela 5. Comparação preditores nos estudos do Canadá, Bélgica, Austrália, Suíça e Portugal.

	Canadá	Bélgica	Austrália	Suíça
Preditores	<p>PREDITORES (variáveis consideradas) Idade, sexo, grupo étnico, orientação sexual, deficiência, especialização precoce, número de horas de treino semanal, nível competitivo, modalidade (tipo)</p> <p>FATORES DE RISCO: Violência psicológica e negligência: ser mais velho, ser do sexo feminino, ter feito especialização precoce, número elevado de horas de prática semanal. Violência física: ser mais velho, ser do sexo masculino, ser não-heterossexual, número elevado de horas de prática semanal, nível de competição "inter-regional ou distrital", praticar modalidades de equipa. Violência sexual: ser não-heterossexual, nível de competição "inter-regional ou internacional".</p>	<p>PREDITORES (variáveis consideradas) Idade, sexo, grupo étnico, orientação sexual, deficiência, modalidade (tipo), número de horas de treino semanal, nível competitivo, especialização precoce.</p> <p>FATORES DE RISCO: Violência psicológica e negligência: orientação sexual, deficiência, nível competitivo, especialização precoce Todos os tipos de violência: treinar mais de 16 horas semanais (especialmente violência instrumental e por parte dos pais). Violência treinador: nível competitivo mais elevado. Violência pais: especialização precoce Violência física e por parte dos pares: participação em mais que um tipo de modalidade (individual e coletiva)</p>	<p>PREDITORES (variáveis consideradas) Idade, sexo, orientação sexual, deficiência, modalidade (tipo), número de horas de treino semanal.</p> <p>FACTORES PROTECTORES de violência psicológica Ser mais velho Deficiência Maior número de horas de treino semanais</p> <p>FATORES PROTECTORES de violência física Ser mais velho Maior número de horas de treino semanais Modalidades coletivas</p> <p>FATORES PROTECTORES de negligência Sexo masculino</p> <p>FATORES DE RISCO violência sexual: Orientação sexual</p> <p>FATORES DE RISCO negligência: Orientação sexual</p>	<p>PREDITORES (variáveis consideradas) Idade, sexo, modalidade (tipo), número de horas de treino semanal.</p>

Os estudos consideraram diferentes variáveis de análise na secção do questionário referente aos dados sociodemográficos. A idade, sexo e tipo de modalidade foram considerados em todos os estudos, permitindo a comparação de resultados relativamente a estas variáveis. No entanto, nos casos do Canadá, Bélgica, Austrália e Suíça foi ainda considerado o número de horas de treino semanal. O Canadá, Austrália e Suíça consideraram também a orientação

sexual dos participantes e a existência ou não de algum tipo de deficiência como possíveis fatores preditores de violência e abuso. Os dois primeiros países aumentaram a sua lista de fatores preditores com a inclusão do grupo étnico, especialização precoce e nível competitivo.

A análise comparativa realizada neste relatório considera somente as variáveis comuns a todos os estudos (idade, sexo e tipo de modalidade), em função do tipo de violência. Os dados obtidos são díspares e não permitem estabelecer tendências lineares. De notar que, no Canadá, “ser mais velho” (idade) e do “sexo feminino” são fatores preditores de violência psicológica/negligência. O primeiro resultado é corroborado pelo estudo australiano. Ainda no Canadá, ser mais velho (idade), “praticar modalidades coletivas” e ser “do sexo masculino” são preditores de violência física. Os dois primeiros resultados são também corroborados pelo estudo australiano. De notar que em Portugal, não existiram diferenças significativas relativamente à violência psicológica/negligência, nem à violência física para as variáveis estudadas.

O resultado original do estudo português consiste nos dados apontarem para o sexo feminino como sendo um fator preditor significativo de violência sexual. Em estudos futuros devem ser consideradas mais variáveis; somente através de uma análise multivariável e estudos com amostras de elevada dimensão, poderemos inferir com segurança quais os fatores preditores de determinados tipos de violência e propor uma explicação dos mesmos.

3. Principais resultados

Nesta secção comparamos a prevalência de episódios de violência e abuso contra atletas nos diferentes estudos. Partimos da prevalência geral, para resultados mais específicos relativos aos tipos de violência (dimensões do VTAQ) e agressores (sub-escalas do VTAQ) e, finalmente, a comparação entre sexos.

Prevalência de episódios de violência contra os atletas

No que concerne à prevalência de episódios de violência contra atletas, todos os estudos apontam para uma prevalência elevada, em que cerca de 4 em cada 5 atletas reportaram ter sofrido pelo menos de um episódio de violência (Canadá: 84,5%; Bélgica, 86%; Austrália: 82% e Suíça: 79%). Portugal está em linha com esta tendência, uma vez que 84,23% dos participantes referiram ter sido vítimas de pelo menos um episódio de violência.

Tabela 6. Comparação da prevalência de episódios nos estudos do Canadá, Bélgica, Austrália, Suíça e Portugal.

	Canadá	Bélgica	Austrália	Suíça
Prevalência	<p>Prevalência geral: Sofreu 1 tipo de violência: 84,5%</p> <p>Tipos de violência:</p> <p>Violência Psicológica: 79,2% (pelo menos uma vez)</p> <p>Violência física: 39,9% Negligência: 35,7%</p> <p>Violência sexual: 28,2%</p>	<p>Prevalência geral: Sofreu 1 tipo de violência: 86%</p> <p>Todos os tipos de violência foram reportados.</p> <p>Tipos de violência:</p> <p>Violência sexual: 27%</p> <p>Violência psicológica e negligência: 79%</p> <p>Violência física: 54%</p>	<p>Prevalência geral: Sofreu 1 tipo de violência (durante a infância): 82%</p> <p>Tipos de violência:</p> <p>Psicológica/negligência: 76%</p> <p>Física: 66%</p> <p>Sexual: 38%</p>	<p>Prevalência geral: Sofreu 1 tipo de violência (durante a infância): 79%</p> <p>Tipos de violência:</p> <p>Psicológica: 75%</p> <p>Física: 53%</p> <p>Sexual: 28%</p>

Tipos de violência

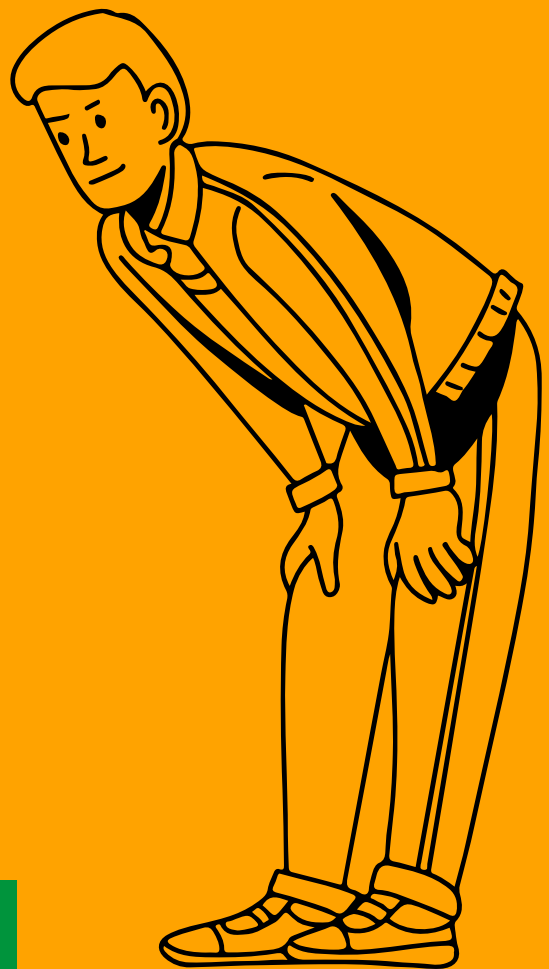
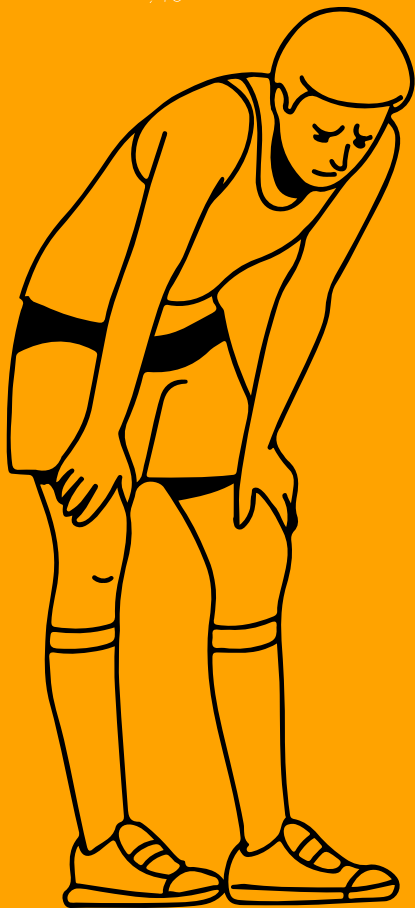
Os dados sugerem que uma elevada quantidade de atletas foi sujeita a violência por parte de pares, treinadores e/ou pessoas em posição de autoridade, e que os diferentes tipos de violência estão presentes em todos os contextos e pela mesma ordem de proporção. Em todos os países analisados, incluindo Portugal, todos os tipos de violência (psicológica/negligência, física e sexual) foram reportados (Tabela 6). A violência psicológica/negligência foi sempre a mais prevalente (Canadá: 79,2%; Bélgica: 79%; Austrália: 76% e Suíça: 75%; Portugal: 82,4%), seguida da violência física (Canadá: 39,9%; Bélgica: 54%; Austrália: 66% e Suíça: 53%; Portugal: 57,4%) e, por fim, de violência sexual (Canadá: 28,2%; Bélgica: 27%; Austrália: 38% e Suíça: 28%; Portugal: 42,2%).

Agressores (pares, treinadores, pessoas em posição de autoridade)

Na maioria dos estudos foi realizada a comparação da prevalência de episódios de violência em função das subescalas do instrumento, que correspondem aos agressores (pares, treinadores e pessoas em posição de autoridade). Na Bélgica, os resultados apontam para uma prevalência igual entre pares e treinador (70%), seguida pela violência por parte de pessoas em posição de autoridade (48%). Em Portugal, assim como na Austrália e na Suíça, os resultados reportados apontam para os pares como os maiores perpetradores, seguidos dos treinadores e, por fim, de pessoas em posição de autoridade.

Comparação entre sexo masculino e feminino

As comparações entre os tipos de violência, em função do sexo, apresentam algumas tendências. Aqui reportamos somente os resultados em que foram constatadas diferenças significativas. Os estudos belga, australiano e suíço apontam para uma maior tendência de o sexo masculino ser vítima de violência física. Os resultados da Austrália e Suíça sugerem que as atletas do sexo feminino sofrem mais de violência psicológica/negligência, enquanto o estudo realizado na Bélgica vai de encontro ao estudo português ao considerar que as mulheres sofrem mais de violência sexual.

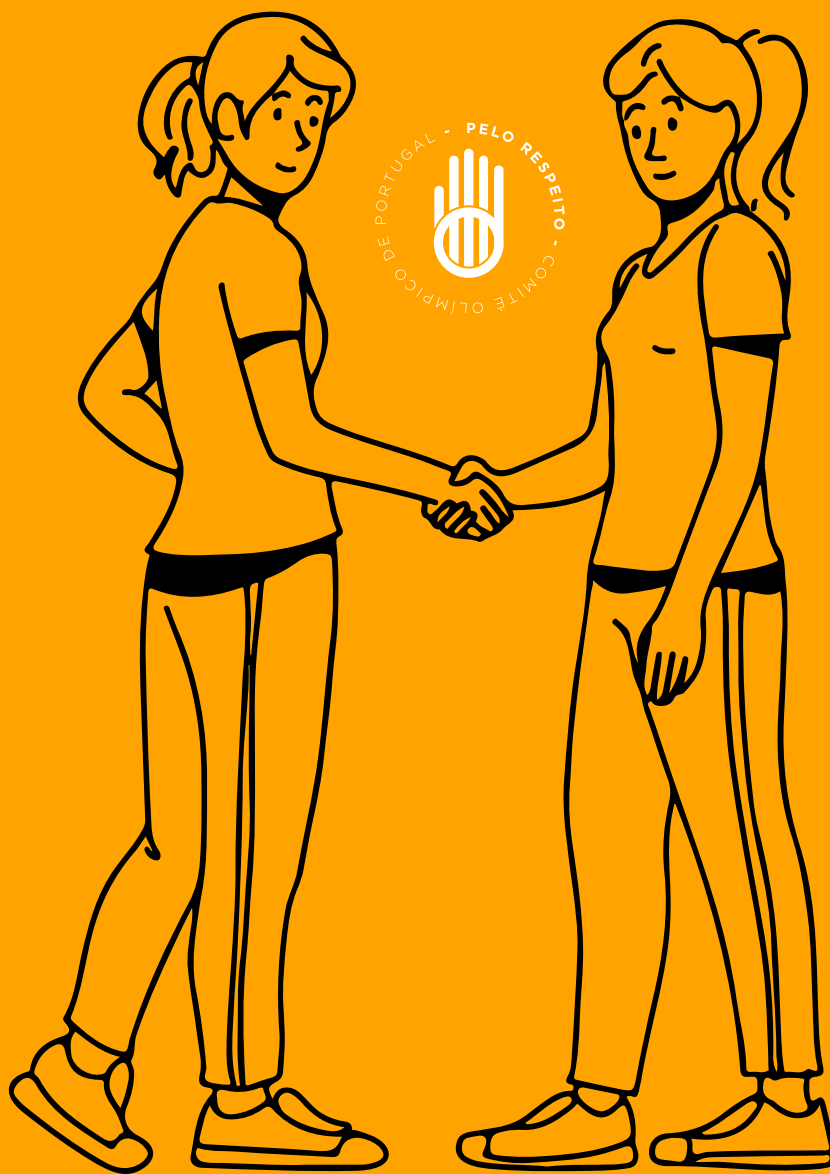


CONCLUSÕES

A prevalência de comportamentos de violência e abuso contra atletas é preocupante. Uma elevada percentagem dos participantes no presente estudo referiu ter sofrido de violência física, psicológica e/ou emocional. A violência psicológica é a mais prevalecte por parte de pares, treinadores e pessoas em posição de autoridade. A violência sexual por parte de pessoas em posição de autoridade não foi reportada, mas, no que concerne aos treinadores/as, foram reportados episódios com frequência preocupante (superior à violência física). Existem diferenças entre sexos relativamente à prevalência de violência sexual, estando as mulheres mais expostas a este tipo de episódios.

Ambos os sexos estão expostos a violência psicológica e física em proporções semelhantes. No entanto, ser mulher consiste num fator de risco no que diz respeito a violência sexual, resultado em linha com as conclusões iniciais que referiam que as mulheres estão mais expostas a violência sexual que os homens.

Os resultados que servem de sustentação para a análise comparativa realizada permitem concluir que a prevalência e natureza dos comportamentos de violência e abuso contra atletas em Portugal está em linha com a literatura internacional sobre o tema. A prevalência de episódios de violência contra atletas é elevada e deve ser alvo de atenção, de forma a prevenir e intervir adequadamente. Notar que, apesar da sobreposição metodológica considerável, existem algumas diferenças que devem ser consideradas na análise dos resultados, tais como as definições adotadas, tipo de estudo, tratamento estatístico e dimensão das amostras. São necessários estudos adicionais no sentido de se poderem realizar novas e mais robustas inferências.



REFERÊNCIAS

- Battaglia, A.V., Kerr, G., & Stirling, A. E. (2017). Youth athletes' interpretations of punitive coaching practices. *Journal of Applied Sport Psychology*, 29(3), 337-352.
- Brackenridge, C. H. (2001). *Spoilsports: Understanding and preventing sexual exploitation in sport*. London: Routledge.
- Bringer, J. D., Brackenridge, C. H., & Johnston, L. H. (2001). The name of the game: A review of sexual exploitation of females in sport. *Current Women's Health Reports*, 1, 225-231.
- Evans, M. B., Adler, A., MacDonald, D. J. & Côté, J. (2015). Bullying victimisation and perpetration in adolescent sport teams. *Paediatric Exercise Science*, 28(2), 296-303.
- Gladden, R. M., Vivolo-Kantor, A. M., Hamburger, M. E. & Lumpkin, C. D. (2014). *Bullying surveillance among youths: Uniform definitions for public health and recommended data elements, version 1.0*. Atlanta, GA.: National Centre for Injury Prevention and Control, Centres for Disease Control and Prevention and US Department of Education.
- Fisher, L. A., & Dzikus, L. (2017). Bullying in sport and performance psychology. *Oxford Research Encyclopedia of Psychology* (pp. 1-24).
- Heleno, J. (Ed.) (2023). *Pais e Atletas no Futebol – um estudo sobre comportamentos*. Lisboa: Cultura.
- Lang, M. (Org.) (2020). *The International Handbook of Athlete Welfare*. London: Routledge.
- Nery, M., Neto, C., Rosado, A. & Smith, P. K. (2018). Bullying in youth sport training. A nationwide exploratory and descriptive research in Portugal. *European Journal of Developmental Psychology*, 16, 447-463.
- Nery, M., Neto, C.; Rosado, A. & Smith, P. K. (2020). *Bullying in Youth Sports Training: New perspectives and practical strategies*. London: Routledge.
- Nery M.; Smith P. K.; Lang M.; Vertommen T. & Stirling A. (2023) Editorial: Safeguarding in sports. *Front. Psychol.* 13:1096118. doi: 10.3389/fpsyg.2022.1096118
- Marsollier É, Hauw D, Crettaz von Roten F. (2021), Understanding the Prevalence Rates of Interpersonal Violence Experienced by Young French-Speaking Swiss Athletes. *Front Psychol.* Dec 20;12:726635. doi: 10.3389/fpsyg.2021.726635. PMID: 34987441; PMCID: PMC8720741.
- Palframan, D. (1994). Expert deploras emotional abuse in sport. *Coaches Report*, 1(2), 3-5.
- Pankowiak, A.; Woessner, M.N.; Parent, S.; Vertommen, T.; Eime, R.; Spaaij, R.; Harvey, J.; Parker, A.G. (2022), Psychological, Physical, and Sexual Violence Against Children in Australian Community Sport: Frequency, Perpetrator, and Victim Characteristics. *J. Interpers. Violence*, 088626052211141.
- Parent, S.; Fortier, K.; Vaillancourt-Morel, M.-P.; Lessard, G.; Goulet, C.; Demers, G.; Paradis, H.; Hartill, M. (2019). Development and initial factor validation of the Violence Toward Athletes Questionnaire (VTAQ) in a sample of young athletes. *Loisir et Société*, 42, 471-486.
- Parent, S.; Vaillancourt-Morel, M.-P. (2021). Magnitude and Risk Factors for Interpersonal Violence Experienced by Canadian Teenagers in the Sport Context. *Journal of Sport and Social Issues*, 45, 528-544.



- Stirling, A. E. & Kerr, G. (2008). Defining and categorising emotional abuse in sport. *European Journal of Sport Science*, 8(4), 173-181.
- Stirling, A. E. & Kerr, G. (2009). Abused athletes' perceptions of coach-athlete relationship. *Sport in Society*, 12(2), 227-239.
- Stirling, A. E. (2009). Definition and constituents of maltreatment in sport: Establishing a conceptual framework for research practitioners. *British Journal of Sports Medicine*, 43(14), 1091-1099. doi:10.1136/bjsm.2008.051433.
- Stirling, A. E. (2013). Understanding the use of emotionally abusive coaching practices. *International Journal of Sports Science and Coaching*, 8(4), 625-639.
- Stirling, A. E. & Kerr, G. (2014). Initiating and Sustaining Emotional Abuse in the Coach–Athlete Relationship: An Ecological Transactional Model of Vulnerability. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 23, 116–135.
- Stirling, A., Bridges, E., Cruz, L. & Mountjoy, M. (2011). Canadian Academy of Sport and Exercise Medicine position paper: Abuse, harassment and bullying in sport. *Clinical Journal of Sport Medicine*, 21, 385-391.
- UNICEF (2005). *UN human rights standards and mechanisms to combat violence against children*. Florence: UNICEF Innocenti Research Centre.
- UNICEF (2010). *Protecting children from violence in sport. A review with a focus on industrialized countries*. Florence: UNICEF Innocenti Research Centre.
- Ventura, C., Prat, M., Ríos, X., Flores, G., Lleixà, T. & Soler, S. (2019). *Bullying i cyberbullying al futbol formatiu a Catalunya*. Barcelona: Fundació Barça.
- Vertommen, T.; Decuyper, M.; Parent, S.; Pankowiak, A.; Woessner, M.N. (2022), Interpersonal Violence in Belgian Sport Today: Young Athletes Report. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 19, 11745. <https://doi.org/10.3390/ijerph191811745>.
- Vveinhardt, J., Fominiene, V. B., & Andriukaitiene, R. (2019). “Omerta” in organized sport: Bullying and harassment as determinants of threats of social sustainability at the individual level. *Sustainability (Switzerland)*, 11(9). <https://doi.org/10.3390/su11092474>
- Volk, A. & Lagzdins, L. (2009). Bullying and victimisation among adolescent girl athletes. *Athletic Insight*, 1(1), 15-25.
- World Health Organisation and the International Society for the Prevention of Child Abuse and Neglect (2006). *Preventing child maltreatment: A guide to taking action and generating evidence*. Retrieved from: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/43499/9241594365_eng.pdf?sequence=1

ANEXOS

ANEXO 1 | Glossário¹²

Abuso/maltrato infantil: “O abuso ou maltrato infantil constitui todas as formas de maltrato físico e/ou emocional, abuso sexual, negligência ou tratamento negligente, exploração comercial (ou outra), resultando em dano potencial ou real na saúde da criança, na sua vida, desenvolvimento ou dignidade no contexto de uma relação de responsabilidade, confiança e poder”.

Negligência: “A Negligência inclui a falha em fornecer [a um participante vulnerável] um padrão adequado de nutrição, cuidados médicos, vestuário, abrigo ou supervisão, na medida em que a saúde ou o desenvolvimento do [participante] é significativamente prejudicado ou colocado em sério risco. Um [participante adulto vulnerável] é negligenciado se for deixado sem cuidados por longos períodos ou abandonado.”

Violência (OMS): uso intencional de força física ou poder, sob a forma de ameaça ou consumada, contra o próprio, outro, ou um grupo ou comunidade, que resulte (ou tenha elevada propensão de resultar) em lesões/ferimentos, morte, dano psicológico, desenvolvimento negativo ou privação.

Violência física: “A violência física é um ato que tenta causar ou resulta em dor e/ou lesão física” e “A violência física inclui bater, queimar, pontapear, socar, morder, mutilar ou matar, ou o uso de objetos ou armas.”

Violência interpessoal: “Uso intencional de força física ou poder, real ou através de ameaça, contra o próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que tem como consequência uma alta probabilidade de resultar em lesões, morte, dano psicológico dificuldades de desenvolvimento ou privação”. A violência interpessoal inclui o uso intencional de força física ou poder contra outra pessoa por parte de um indivíduo ou pequeno grupo de indivíduos. Pode ocorrer *online*, ser perpetrada por diferentes intervenientes, e assumir diferentes tipos.

Violência psicológica: “A Violência Psicológica (abuso) envolve o uso regular e deliberado de uma gama de palavras e ações não físicas com o propósito de manipular, magoar, enfraquecer ou assustar uma pessoa mental e emocionalmente; e/ou distorcer, confundir ou influenciar os pensamentos e ações de uma pessoa no seu dia-a-dia, alterando o seu sentido de identidade e prejudicando o seu bem-estar.” No desporto, também pode assumir a forma de ações não físicas que possam causar danos físicos ou psicológicos ao atleta. A violência psicológica pode ocorrer *online* e *offline* de diferentes formas.

Violência sexual (inclui assédio sexual): Qualquer ato sexual ou tentativa, comentários ou investidas sexuais não desejadas, atos que visem o tráfico, ou dirigidos à sexualidade de uma pessoa usando a coerção, por qualquer pessoa, independentemente da sua relação com a vítima, em qualquer contexto que inclui – mas não se limita – a casa e trabalho”. As diferentes formas de violência sexual podem ocorrer *online* ou presencialmente.

¹² Fonte dos conceitos: *Consensus Statement* do Comité Olímpico Internacional acessível em https://stillmed.olympics.com/media/Documents/Athletes/Medical-Scientific/Consensus-Statements/2016_harassment-abuse-non-accidental-violence-sport.pdf

ANEXO 2 | Descrição do projeto

Equipa de investigação

O projeto foi levado a cabo por uma equipa de investigação que incluiu a participação de investigadores e profissionais de diferentes organizações do consórcio. Em baixo descrevemos a equipa de investigação:

- Miguel Nery – Universidade Europeia
- Thiago Santos – Universidade Europeia
- Graça Pessoa – Universidade Europeia
- Cristina Almeida – Comité Olímpico de Portugal
- João Paulo Almeida – Comité Olímpico de Portugal
- Tine Vertomment – Thomas Moore University (convidado externo)
- Catarina Morais – Universidade Católica do Porto (convidado externo)

Tarefas:

1. Tradução do questionário
2. Adaptação do questionário à população portuguesa
3. Recolha de dados
4. Análise de dados
5. Relatório final

Outputs do projeto:

- Versão traduzida e adaptada para a população Portuguesa do *VTAQ - Violence Toward Athletes Questionnaire*
- Relatório com estatística descritiva dos dados recolhidos junto da população-alvo e estudo comparativo com outros países que adotaram uma metodologia semelhante
- Apresentação pública dos resultados
- Artigo científico publicado em revista da especialidade sobre adaptação do questionário *VTAQ - Violence Toward Athletes Questionnaire* à população portuguesa
- Artigo científico publicado em revista da especialidade com os dados recolhidos no âmbito do projeto

Distribuição das tarefas (*Work Packages*):

- WP 1. Gestão de projeto
- WP 2. Tradução do questionário
- WP 3. Adaptação à população portuguesa
- WP 4. Recolha de dados
- WP 5. Análise de dados
- WP 6. Elaboração de relatório
- WP 7. Disseminação do projeto

Tabela 1. Descrição dos *Work Packages*, tarefas, outputs e responsáveis do projeto.

WP	Tarefas/milestones	Outputs	Responsáveis
1	Gestão financeira e executiva do projeto	Criação de pasta de gestão de projeto. Acompanhamento da execução técnica e científica do projeto em todas as fases (criação de código interno, a constar no parecer da Comissão de Ética) Análise do projeto pelo <i>Data Protection Officer</i> Análise do projeto pela Comissão de Ética (e elaboração de parecer)	Graça Pessoa Miguel Nery
2	Tradução do questionário Retro-tradução	Versão do Questionário VTAQ traduzido para Português (de Portugal)	Miguel Nery Thiago Santos Catarina Morais Cristina Almeida João Paulo Almeida
3	Adaptação do questionário à população-alvo Estudo-piloto	Versão do Questionário VTAQ (versão portuguesa) adaptado à população-alvo	Miguel Nery Thiago Santos Catarina Morais
4	Recolha de dados ¹³	Criação da versão on-line do questionário <i>Link</i> em plataforma eletrónica usada para a recolha de dados (e.g. <i>Qualtrics</i>)	Miguel Nery Thiago Santos Catarina Morais Cristina Almeida
5	Análise de dados	Descrição e análise dos resultados decorrentes da recolha de dados (utilização do software SPSS)	Miguel Nery Thiago Santos
6	Elaboração do relatório	Relatório final do projeto em que consta: <ul style="list-style-type: none"> • síntese dos <i>Work Packages</i> • descrição e análise dos resultados • anexos (<i>outputs</i> do projeto) 	Miguel Nery Thiago Santos
7	Disseminação do projeto	Evento de disseminação Publicação de artigo científico em revista da especialidade	Cristina Almeida Miguel Nery Thiago Santos Catarina Morais Tine Vertommen

Cronograma:

Novembro 2023 a janeiro 2024:

- Criação de registo do projeto
- Submissão do projeto para análise do *Data Protection Officer*
- Submissão do projeto para análise da Comissão de Ética
- Processo de tradução e retro-tradução (versões 1 a 5 do questionário)
- Processo de adaptação – estudo piloto (versão 6 do questionário)
- Criação do *link* de acesso à versão final do questionário (versão final do questionário).

Fevereiro a março:

1. Sessão esclarecimento – 19 fevereiro
2. Recolha de dados
 - 4 março a 5 de abril: 1ª fase de recolha de dados
 - 6 abril a 20 de abril: prorrogação de período de recolha de dados

Mai a junho:

1. Análise de dados
 - Estatística descritiva
 - Regressão linear múltipla

Julho:

2. Elaboração do relatório
 - Análise descritiva dos resultados (Portugal)
 - Estudo comparativo com resultados de países que utilizaram o mesmo instrumento

Setembro:

- Apresentação dos resultados

¹³ A partilha do link de acesso ao questionário junto da população-alvo foi da responsabilidade do COP, através de pontos de contacto nas Federações desportivas olímpicas.

ANEXO 3 | Sumário dos estudos realizados utilizando o VTAQ

País	Autores (ano)	Amostra	Método (análise de dados)	Prevalência	Fatores de risco
Canadá ¹	Sylvie Parent Marie-Pier Vaillancourt-Morel Ano: 2021	<p>Tipo de estudo: transversal</p> <p>N=1055</p> <p>Idade [14-17] Média idade: 15,3 (± 1,1).</p> <p>Sexo: Raparigas: 763; rapazes: 292</p> <p>Nacionalidade: Canadianos: 95,3% Europa: 4,5% Asiáticos: 2,0% Europa Leste: 1,2% Aborígenas: 1,5% África sub-sariana: 1,2% América Latina: 1,0% África do Norte: 0,9% Afro-americanos: 0,4%</p> <p>Orientação sexual: Heterossexuais: 92,5% Homossexuais: 1,7% Bissexuais: 1,3% Não responde: 4,4%</p> <p>Nº modalidades: 1 modalidade: 62,7% 2 modalidades: 37,3%</p> <p>Várias modalidades incluídas (individuais: 37,5%; coletivas: 49,1%; ambas: 12,7%)</p> <p>Nível competitivo: Local/regional: 19,2% Inter-regional: 7,2% Provincial: 46,6% Nacional: 20,6% Internacional: 5,4%</p> <p>Horas de Treino semanais: [>20]: 8,1% [16-20]: 14% [11-15]: 26,4% [6-10]: 37,3% [< 5]: 14,3%</p>	<p>Questionário on-line (Qualtrics) - <i>Violence Toward Athletes Questionnaire</i></p> <p>Definição de violência adotada: OMS</p> <p>“the intentional use of physical force or power, threatened or actual, against oneself, another person, or against a group or community, that either results in or has a high likelihood of resulting in injury, death, psychological harm, mal-development or deprivation”</p> <p>Testes estatísticos utilizados: Prevalência: qui-quadrado (comparação entre sexos) Fatores de risco: regressão logística binária múltipla</p> <p>Alpha: ,05</p>	<p>Sofreu 1 tipo de violência: 84,5%</p> <p>Comparação sexos (diferenças não significativas): Sexo feminino: mais violência psicológica e negligência Sexo masculino: mais violência física Violência sexual igual em ambos os sexos.</p> <p>Tipos de violência: Violência Psicológica: 79,2% (pelo menos uma vez) Violência física: 39,9% Negligência: 35,7% Violência sexual: 28,2%</p>	<p>PREDITORES (variáveis consideradas) Idade, sexo, grupo étnico, orientação sexual, deficiência, especialização precoce, número de horas de treino semanal, nível competitivo, modalidade (tipo)</p> <p>FACTORES DE RISCO: Violência psicológica e negligência: ser mais velho, ser do sexo feminino, ter feito especialização precoce, número elevado de horas de prática semanal. Violência física: ser mais velho, ser do sexo masculino, ser não-heterossexual, número elevado de horas de prática semanal, nível de competição “inter-regional ou distrital”, praticar modalidades de equipa. Violência sexual: ser não-heterossexual, nível de competição “inter-regional ou internacional”.</p>

<p>Bélgica²</p>	<p>Tine Ver-tommen Mieke Decuyper Sylvie Parent Aurélie Pankowiak Mary N. Woessner Ano: 2022</p>	<p>Tipo de estudo: transversal N=769 atletas (recrutamento realizado em 5 escolas secundárias) Intervalo idades [13-21] Média idade: 15,9 (± 1,3). Sexo: Raparigas: 256; rapazes: 507; outro: 5 Várias modalidades incluídas, Individuais: Coletivas: Ambas: Organização desportiva: Clube: 75,6%; Ginásio: 23,5%; Grupos informais: 22,6%; Sozinho: 21,6%; Campos férias: 15,9% Deficiência: 8,3% Especialização precoce: 29,3% Nível competitivo: Recreativo: 15,9% Local: 7,1% Regional: 36,9% Nacional: 21,2% Internacional: 8,9% Horas de Treino semanais: [+ que 16]: 25% [6-15]: 50% [- que 5]: 24% Estadia em centros de estágio: 56,4%</p>	<p>Questionário on-line (Qualtrics) - <i>Violence Toward Athletes Questionnaire</i> Definição de violência adotada: artigo 19 da Convenção dos Direitos da Criança “[. . .] all forms of physical or mental violence, injury and abuse, neglect or negligent treatment, maltreatment or exploitation, including sexual abuse while in the care of parent(s), legal guardian(s) or any other person who has the care of the child”. Prevalência: análise de frequências e qui-quadrado (comparação entre sexos) Fatores de risco: Modelo de regressão linear múltipla Variáveis independentes: preditores Variáveis dependentes: diferentes tipos de violência (colegas, treinadores, pais) Alpha: ,05</p>	<p>Sofreu 1 tipo de violência: 86% Todos os tipos de violência foram reportados. Comparação sexos (diferenças significativas): Sexo feminino: mais violência sexual Sexo masculino: mais violência física Violência Psicológica/negligência e violência instrumental: sem diferenças significativas entre sexos Comparação entre grupos: Violência por pares = violência treinador (70%). Violência pais: 48% Tipo de agressor: sem diferenças significativas entre sexos Tipos de violência: Violência sexual: 27% Violência psicológica e negligência: 79% Violência física: 54%</p>	<p>PREDITORES (variáveis consideradas) Idade, sexo, grupo étnico, orientação sexual, deficiência, modalidade (tipo), número de horas de treino semanal, nível competitivo, especialização precoce. FATORES DE RISCO: Violência psicológica e negligência: orientação sexual, deficiência, nível competitivo, especialização precoce Todos os tipos de violência: treinar mais de 16 horas semanais (especialmente violência instrumental e por parte dos pais). Violência treinador: nível competitivo mais elevado. Violência pais: especialização precoce Violência física e por parte dos pares: participação em mais que um tipo de modalidade (individual e coletiva)</p>
----------------------------	--	--	---	---	---

<p>Austrália³</p>	<p>Aurélie Pankowiak</p> <p>Mary N. Woessner</p> <p>Sylvie Parent</p> <p>Tine Ver-tommen</p> <p>Rochelle Eime</p> <p>Ramon Spaaij</p> <p>Jack Harvey</p> <p>Alexandra G. Parker</p> <p>Ano: 2022</p>	<p>Tipo de estudo: retrospectivo</p> <p>N=886 atletas</p> <p>Intervalo idades [+18 anos]</p> <p>Média idade: 42 (± 15).</p> <p>Sexo: Mulheres: 63% Homens: 35% Outro: 1,9%</p> <p>Nacionalidade: Austrália: 94,9% UK: 1,4% Nova Zelândia: 1,2%</p> <p>Deficiência: 13,3%</p> <p>Várias modalidades incluídas (68): Individuais: 29,6% Colectivas: 70,4%</p> <p>Orientação sexual: Heterossexuais: 70% Maioritariamente heterossexual: 8% Bisexuais: 5% Maioritariamente homossexual: 2% Homossexuais: 2%</p>	<p>Questionário on-line (Qualtrics) - <i>Violence Toward Athletes Questionnaire</i></p> <p>Prevalência: análise de frequências e qui-quadrado (comparação entre sexos)</p> <p>Fatores de risco: Regressão logística múltipla binária</p> <p>Alpha: ,05</p>	<p>Sofreu 1 tipo de violência (durante a infância): 82%</p> <p>Tipos de violência: Psicológica/negligência: 76% Física: 66% Sexual: 38%</p> <p>Comparação entre grupos: Geral: Pares: 73% Treinadores: 60% Pais: 35%</p> <p>Pares: 68% violência psicológica Treinadores: violência física e psicológica (mais que 50%)</p> <p>Mulheres sofreram mais violência por parte dos pais em crianças.</p> <p>Comparação sexos (diferenças significativas): Sexo feminino: mais violência psicológica e negligência Sexo masculino: mais violência física</p>	<p>PREDITORES (variáveis consideradas) Idade, sexo, orientação sexual, deficiência, modalidade (tipo), número de horas de treino semanal.</p> <p>FATORES PROTETORES de violência psicológica Ser mais velho Deficiência Maior número de horas de treino semanais</p> <p>FATORES PROTETORES de violência física Ser mais velho Maior número de horas de treino semanais Modalidades coletivas</p> <p>FATORES PROTETORES de negligência Sexo masculino</p> <p>FATORES DE RISCO violência sexual: Orientação sexual</p> <p>FATORES DE RISCO negligência: Orientação sexual</p>
------------------------------	--	---	---	---	---

Suiça ⁴	<p>Élise Marsollier</p> <p>Denis Hauw</p> <p>Fabienne Crettaz von Roten</p> <p>Ano: 2021</p>	<p>Tipo de estudo: transversal</p> <p>N=210 atletas</p> <p>Intervalo idades [14-18 anos]</p> <p>Média idade: 16,51 (± 1,16).</p> <p>Sexo:</p> <p>Raparigas: 56%</p> <p>Rapazes: 44%</p> <p>Ensino secundário:</p> <p>Sim: 24,8%</p> <p>Não: 75,2%</p> <p>Várias modalidades incluídas (43):</p> <p>Individuais: 30,5%</p> <p>Coletivas: 31,9%</p> <p>Combate: 22,9%</p> <p>Exterior: 14,8%</p> <p>Horas de Treino semanais:</p> <p>[+ que 10]: 12,4%</p> <p>[9-10]: 9,5%</p> <p>[7-8]: 17,1%</p> <p>[5-6]: 27,1%</p> <p>[3-4]: 23,3%</p> <p>[0-2]: 10,5%</p> <p>Nível competitivo:</p> <p>Recreativo: 21,4%</p> <p>Regional: 12,9%</p> <p>Cantonal (provincial): 22,4%</p> <p>Nacional: 34,8%</p> <p>Internacional: 8,6%</p>	<p>Questionário on-line (Qualtrics) - <i>Violence Toward Athletes Questionnaire</i></p> <p>Definição de violência adotada: OMS</p> <p>“the intentional use of physical force or power, threatened or actual, against oneself, another person, or against a group or community, that either results in or has a high likelihood of resulting in injury, death, psychological harm, mal-development or deprivation”</p> <p>Prevalência:</p> <p>Variáveis contínuas: T-Student</p> <p>Variáveis categoriais: qui-quadrado (comparação entre sexos)</p> <p>Alpha: ,05</p>	<p>Sofreu 1 tipo de violência (durante a infância): 79%</p> <p>Tipos de violência:</p> <p>Psicológica: 75%</p> <p>Física: 53%</p> <p>Sexual: 28%</p> <p>Comparação sexos (diferenças significativas):</p> <p>Sexo feminino: mais violência psicológica</p> <p>Sexo masculino: mais violência física</p> <p>Os resultados em baixo dizem respeito aos resultados globais (ambos os sexos)</p> <p>Comparação modalidades:</p> <p>Individuais: maior nível de violência física e psicológica (diferenças significativas)</p> <p>Nível de competição:</p> <p>Sem diferenças significativas entre diferentes formas de violência</p> <p>Comparação entre grupos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Pares 2. Treinadores 3. Líderes 	<p>PREDITORES (variáveis consideradas)</p> <p>Idade, sexo, modalidade (tipo), número de horas de treino semanal.</p>
Portugal	<p>Miguel Nery</p> <p>Thiago Santos</p> <p>Catarina Morais</p>	<p>Tipo de estudo: retrospectivo</p> <p>N=336 atletas</p> <p>Intervalo idades [18-44 anos]</p> <p>Média idade: 27,59 (± 9,5).</p> <p>Sexo:</p> <p>Homens: 56%</p> <p>Mulheres: 44%</p> <p>Várias modalidades incluídas (16):</p> <p>Individuais: %</p> <p>Coletivas: %</p>			

¹ Parent, S.; Vaillancourt-Morel, M.-P. Magnitude and Risk Factors for Interpersonal Violence Experienced by Canadian Teenagers in the Sport Context (2021). J. Sport Soc. Issues 2021, 45, 528–544.

² Vertommen, T.; Decuyper, M.; Parent, S.; Pankowiak, A.; Woessner, M.N. Interpersonal Violence in Belgian Sport Today: Young Athletes Report. Int. J. Environ. Res. Public Health 2022, 19, 11745. <https://doi.org/10.3390/ijerph191811745>

³ Pankowiak, A.; Woessner, M.N.; Parent, S.; Vertommen, T.; Eime, R.; Spaaij, R.; Harvey, J.; Parker, A.G. Psychological, Physical, and Sexual Violence Against Children in Australian Community Sport: Frequency, Perpetrator, and Victim Characteristics. J. Interpers. Violence 2022, 088626052211141

⁴ Marsollier É, Hauw D, Crettaz von Roten F. Understanding the Prevalence Rates of Interpersonal Violence Experienced by Young French-Speaking Swiss Athletes. Front Psychol. 2021 Dec 20;12:726635. doi: 10.3389/fpsyg.2021.726635. PMID: 34987441; PMCID: PMC8720741.





